

95LVL12A

JA DU BOCCAGE

PQ 9261 B356





Cada volume — 100

PR.  
(ME)



BOCAGE

# O Livro dos S

STORIA  
OSOPHIA  
TICA  
RTE  
ATRO  
ESIA  
MANCE  
OMIA

LITTERATURA  
CRITICA

N.º 76

GLT

BIBLIOTHECA UNIVERSAL  
ANTIGA E MODERNA

---

*Barbosa de* **BOCAGE**, *1764-1818*

---

# O LIVRO DOS SONETOS

---

8.<sup>a</sup> EDIÇÃO, ESMERADAMENTE REVISTA

---

19.<sup>a</sup> SERIE — NUMERO 76



LISBOA

---

“A EDITORA”

50, Largo do Conde Barão, 50

---

RIO DE JANEIRO

Rua do Ouvidor, 166

S. PAULO

BELLO HORIZONTE

Rua de S. Bento, 65

Rua da Bahia

1908

PRESERVATION  
COPY ADDED

MF 3/92

*Manezes Pente*  
GIFT

PQ9261

B356

1908

## O LIVRO DOS SONETOS

---

### I

Incultas produções da mocidade  
Exponho a vossos olhos, ó leitores:  
Vêde as com mágua, vêde-as com piedade,  
Que ellas buscam piedade, e não louvores:

Ponderaæ da fortuna a variedade  
Nos meus suspiros, lagrimas e amores!  
Notae dos males seus a immensidade,  
A curta duração de seus favores:

E se entre versos mil de sentimento  
Encontrardes alguns, cuja apparencia  
Indique festival contentamento,

Crêde, ó mortaes, que foram com violencia.  
Escriptos pela mão do Fingimento,  
Cantados pela voz da Dependencia.

A noticia biographica de *Bocage* encontra-se á frente do volume 32  
d'esta *Bibliotheca*.

M745095



## II

Chorosos versos meus desentoados,  
Sem arte, sem belleza, e sem brandura,  
Urdidos pela mão da desventura,  
Pela baça tristeza envenenados:

Vêde a luz, não busqueis, desesperados,  
No mudo esquecimento a sepultura;  
Se os ditosos vos lêrem sem ternura,  
Lêr-vos-hão com ternura os desgraçados:

Não vos inspire, ó versos, cobardia,  
Da satira mordaz o furor louco,  
Da maldizente voz e tyrannia:

Desculpa tendes, se valeis tão pouco;  
Que não pode cantar com melodia  
Um peito, de gemer cansado e rouco.

## III

De suspirar em vão já fatigado,  
Dando tregua a meus males eu dormia;  
Eis que junto de mim sonhei que via  
Da morte o gesto livido e mirrado:

Curva fouce no punho descarnado  
Sustentava a cruel, e me dizia:  
"Eu venho terminar tua agonia;  
Morre, não penes mais, ó desgraçado!"

Quiz ferir-me, e de Amor foi atalhada,  
Que armado de cruentos passadores  
Apparece, e lhe diz com voz irada:

Emprega n'outro objecto os teus rigores;  
"Que esta vida infeliz está guardada  
Para victima só de meus furores."

## IV

Raios não peço ao creador do mundo,  
Tormentas não supplico ao rei dos mares,  
Vulcões á terra, furacões aos ares,  
Negros monstros ao bárathro profundo:

Não rogo ao deus d'amor que furibundo  
Te arremesse do pé de seus altares;  
Ou que a peste mortal võe a teus lares,  
E murche o teu semblante rubicundo:

Nada imploro em teu damno, ainda que os laços  
Urdidos pela fé, com vil mudança  
Fizeste, ingrata Nize, em mil pedaços:

Não quero outro despique, outra vingança,  
Mais que vêr-te em poder de indignos braços,  
E dizer quem te perde, e quem te alcança.

## V

Já sobre o coche d'ebano estrellado  
Deu meio giro a noite escura e feia;  
Que profundo silencio me rodeia  
N'este deserto bosque, á luz vedado!

Jaz entre as folhas Zephyro abafado,  
O Tejo adormeceu na liza areia;  
Nem o mavioso rouxinol gorgeia,  
Nem pia o mocho, ás trevas costumado:

Só eu velo, só eu, pedindo á sorte  
Que o fio, com que está minha alma prêsa  
A vil materia languida, me córte;

Consola-me este horror, esta tristeza;  
Porque a meus olhos se afigura a morte  
No silencio total da natureza.

## VI

Mavorte, porque em perfida cilada  
O cruel moço aligero o ferira,  
Não faz caso da mãe, que chora e brada,  
Quer punir o traidor, que lhe fugira:

Na sinistra o pavez, na destra a espada,  
Nos igneos olhos fuzilante a ira,  
Pula á negra carroça ensanguentada,  
Que Bellona infernal co'as Furias tira:

Assim parte, assim vôa; eis que vê posto  
No collo de Marília o deus alado,  
No collo aonde tem mimoso encosto:

Já Marte arroja as armas, e aplacado  
Diz, inclinando o formidavel rosto:  
“Valha-te, Amor, esse logar sagrado!,”

## VII

Ao templo do propicio Desengano  
A próvida Razão guiou meus passos;  
Por vêr-me, louco já, mordendo os laços  
Os duros laços de um amor profano:

Ajoelho ante o numen soberano,  
Mostro-lhe os roxos, os captivos braços,  
Dizendo-lhe: — “Gran deus, faze em pedaços  
Os ferros, que me pôz Amor tyranno!,”

A deidade, inimiga da Esperança,  
Me responde: — “Eu te livro do flagello  
Que opprime os corações; mortal, descança.,

Eis que, brandindo um lucido cutelo,  
Meus ferros corta, e logo da lembrança  
Me escapa de Marfida o rosto bello.

## VIII

Não, Marília, teu gesto vergonhoso,  
A luz dos olhos teus, serena e pura,  
Teu riso, que enche as almas de ternura,  
Agora meigo, agora desdenhoso;

Tua candida mão, teu pé mimoso,  
Tuas mil perfeições, crêr que a ventura  
As guarda para mim, fôra loucura;  
Nem sou digno de ti, nem sou ditoso:

E que mortal enfim, que peito humano  
Merece os braços teus, ó nympha amada?  
Que Narciso? Que heroe? Que soberano?

Mas que lê minha mente illuminada!...  
Céos!... Penetro o futuro!... Ah, não me engano;  
De Jove para o thoro estás guardada.

## IX

A loura Filis, na estação das flores,  
Commigo passeou por este prado  
Mil vezes, por signal trazia ao lado  
As Graças, os Prazeres, e os Amores.

Quantos mimos então, quantos favores,  
Que innocente affeição, que puro agrado  
Me não viram gosar (oh doce estado!)  
Mordendo-se de inveja os mais pastores!

Porém, segundo o feminil costume,  
Já Filis se esqueceu do amor mais terno,  
E com Jonio se ri de meu queixume.

Ah! se nos corações fôsses eterno,  
Tormento abrasador, negro ciume,  
Serias tão cruel como os do inferno!

## X

Marilia, nos teus olhos buliçosos  
Os Amores gentis seu facho accendem;  
A teus labios voando os ares fendem  
Ternissimos desejos sequiosos:

Teus cabellos subtile e luminosos  
Mil vistas cegam, mil vontades prendem;  
E em arte aos de Minerva se não rendem  
Teus alvos, curtos dedos melindrosos:

Reside em teus costumes a candura,  
Móra a firmeza no teu peito amante,  
A razão com teus risos se mistura:

És dos Céos o composto mais brilhante;  
Deram-se as mãos Virtude e Formosura  
Para crear tua alma, e teu semblante.

## XI

Negra féra, que a tudo as garras lança;  
Já murchaste, insensível a clamores,  
Nas faces de Tirsalia as rubras flores,  
Em meu peito as viçosas esperanças:

Monstro, que nunca em teus estragos cansas,  
Vê as tres Graças, vê os nús Amores  
Como praguejam teus crueis furores,  
Ferindo os rostos, arrancando as tranças!

Domicilio da noite, horror sagrado,  
Onde jaz destruida a formosura,  
Abre-te, dá logar a um desgraçado:

Eis desço... eis cinzas palpo... Ah! Morte dura  
Ah! Tirsalia! Ah! meu bem, resto adorado!...  
Torna, torna a fechar-te, ó sepultura!

## XII

De Paphos o menino ardendo em ira,  
Porque uma ingrata as suas leis detesta,  
Tão grave insulto despicar protesta,  
E a domar-lhe a altivez, teimoso, aspira:

Dormindo encontra a desdenhosa Elmira,  
Sobre a mão reclinada a nivea testa:  
"Teu genio (diz) amansarei com esta  
Farpa subtil," — e do carcaz a tira:

Mas a bella Acidalia, a quem sómente  
Rende o travêssio infante vassallagem,  
Lhe apparece, e lhe grita: "Amor, detem-te!

"Tu, filho, que não soffres que me ultragem,  
Elvira vens ferir, irreverente!  
N'ella de tua mãe não vês a imagem?,"

## XIII

Ó tranças, de que Amor prisões me tece,  
Ó mãos de neve, que regeis meu fado!  
Ó thesouro! ó mysterio! ó par sagrado,  
Onde o menino aligero adormece!

Ó lédos olhos, cuja luz parece  
Tenue raio do sol! Ó gesto amado,  
De rosas e assucenas semeado,  
Por quem morrêra esta alma, se pudesse!

Ó labios, cujo riso a paz me tira,  
E por cujos dulcissimos favores  
Talvez o proprio Jupiter suspira!

Ó perfeições! ó dons encantadores!  
De quem sois?... Sois de Venus? — É mentira;  
Sois de Marilia, sois de meus amores.

## XIV

Já se afastou de nós o Inverno agreste  
Envolto nos seus humidos vapores:  
A fertil Primavera, a mãe das flores  
O prado ameno de boninas veste:

Varrendo os ares o subtil Nordeste  
Os torna azues; as aves de mil côres  
Adejam entre Zephyros e Amores,  
E toma o fresco Tejo a côr celeste:

Vem, ó Marilia, vem lograr commigo  
D'estes alegres campos a belleza,  
D'estas copadas arvores o abrigo:

Deixa louvar da côrte a vã grandeza:  
Quanto me agrada mais estar commigo  
Notando as perfeições da Natureza!

## XV

Grato silencio, trémulo arvoredo,  
Sombra propicia aos crimes, e aos amores,  
Hoje serei feliz! — Longe, temores,  
Longe, phantasmas, illusões do medo.

Sabei, amigos Zephyros, que cedo  
Entre os braços de Nize, entre estas flores  
Furtivas glorias, tacitos favores  
Hei de emfim possuir; porém segredo!

Nas azas frouxos ais, brandos queixumes  
Não leveis, não faças isto patente,  
Que nem quero que o saiba o pae dos nunes:

Cale-se o caso a Jove omnipotente,  
Porque se elle souber, terá ciumes,  
Vibrará contra mim seu raio ardente.

## XVI

Temo que a minha ausencia e desventura  
Vão na tua alma docemente accesa,  
Apoucando os excessos da firmeza,  
Rebatendo os assaltos da ternura:

Temo que a tua singular candura  
Leve o Tempo fugaz nas azas prêsa,  
Que é quasi sempre o vicio da belleza  
Genio mudavel, condição perjura:

Temo; e se o fado máu, fado inimigo,  
Confirmar impiamente este receio,  
Spectro perseguidor, que anda commigo,

Com rosto, alguma vez de magua cheio,  
Recorda-te de mim, dize comtigo:  
"Era fiel, amava-me, e deixei-o.,

## XVII

Emquanto o sabio arreiga o pensamento  
Nos phenomenos teus, ó Natureza,  
Ou solta arduo problema, ou sobre a mesa.  
Volve o subtil geometrico instrumento:

Emquanto, alçando a mais o entendimento,  
Estuda os vastos céos, e com certeza  
Reconhece dos astros a grandeza,  
A distancia, o logar, e o movimento:

Emquanto o sabio, emfim, mais sabiamente  
Se remonta nas azas do sentido  
A' côrte do Senhor omnipotente:

Eu louco, eu cégo, eu misero, eu perdido  
De ti só trago cheia, ó Jônia, a mente;  
Do mais, e de mim mesmo ando esquecido.



## XVIII

Afflicto coração, que o teu tormento,  
Que os teus desejos tacito devoras,  
E ao doce objecto, ás perfeições que adoras,  
Só te vás explicar c'o pensamento:

Infeliz coração, recobra alento,  
Sécca as inuteis lagrimas, que choras;  
Tu cevas o teu mal, porque demoras  
Os vãos ao ditoso atrevimento.

Inflamma surdos ais, que o medo esfria;  
Um bem tão suspirado, e tão subido,  
Como se ha de ganhar sem ousadia?

Ao vencedor afoute-se o vencido;  
Longe o respeito, longe a cobardia;  
Morres de fraco? Morre de atrevido.

## XIX

Por esta solidão, que não consente  
Nem do sol, nem da lua a claridade,  
Ralado o peito já pela saudade,  
Dou mil gemidos a Marilia ausente:

De seus crimes a mancha inda recente:  
Lava Amor, e triumpho da verdade;  
A belleza, apesar da falsidade.  
Me occupa o coração, me occupa a mente;

Lembram-me aquelles olhos tentadores,  
Aquellas mãos, aquelle riso, aquella  
Bôcca suave, que respira amores...

Ah! trazei-me, illusões, a ingrata, a bella!  
Pintae-me vós, ó sonhos, entre flores  
Suspirando outra vez nos braços d'ella!

## XX

Marilia, se em teus olhos attentara,  
Do estellifero solio reluzente  
Ao vil mundo outra vez o omnipotente,  
O fulminante Jupiter baixara :

Se o deus, que assanha as Furias, te avistara  
As mãos de neve, o collo transparente,  
Suspirando por ti, do chaos ardente,  
Surgira á luz do dia, e te roubara :

Se a vêr-te de mais perto o sol descêra :  
No aureo carro veloz dando-te assento  
Até da esquiiva Daphne se esquecêra :

E se a força equalasse o pensamento  
O' alma da minha alma, eu te off'recêra  
Com ella a terra, o mar, e o firmamento.

## XXI

O corvo grasnador, e o mocho feio,  
O sapo berrador, e a rã molesta,  
São meus unicos socios na floresta,  
Onde carpindo estou, de angustia cheio :

Perdi todo o prazer, todo o recreio...  
Ah! malfadado amor, paixão funesta!  
Ursulina perdi, nada me resta ;  
Madre terra! Agasalha-me em teu seio :

Da vibora mordaz permite, ó Sorte,  
Que nos matos asperrimos que piso  
As plantas me envenene o tenue corte !

Ah! Que é das graças? Que é do paraíso?  
A minha alma onde está? Quem logra... ó Morte,  
Quem logra de Ursulina o doce riso?

## XXII

Guiou-me ao templo do lethal ciume  
A desesperação, que em mim fervia ;  
O cabello de horror se me arripia  
Ao recordar o formidavel nume :

Fumegava-lhe aos pés tartareo lume,  
Crespa serpa as entrenhas lhe roía ;  
Eram ministros seus a Aleivosia,  
O Susto, a Morte, a Cólera, o Qeixume :

“Cruel ! (grito em phrenetico transporte)  
Dos socios teus, no bárathro gerados,  
Dá-me um só, que te invejo, a Morte, a Morte :

— “Cessa (diz), os teus rogos são baldados :  
Querem ter-te no mundo Amor e a Sorte,  
Para consolação dos desgraçados.”

## XXIII

Ancias terriveis, intimos tormentos,  
Negras imagens, horridas lembranças,  
Amargosas, mortaes desconfianças,  
Daixae-me socegar alguns momentos :

Soffrei que logre os vãos contentamentos  
Que sonham minhas doudas esperanças ;  
A posse de alvo rosto, e louras tranças,  
Onde presos estão meus pensamentos :

Deixae-me confiar na formosura,  
Cruéis ! Deixae-me crêr n'um doce engano,  
Blasonar de phantastica ventura.

Que mais mal me quereis, que maior damno  
Do que vagar nas trevas da loucura,  
Aborrecendo a luz do desengano ?

## XXIV

Olha, Marilia, as flautas dos pastores  
Que bem que sôam, como estão cadentes!  
Olha o Tejo a sorrir-se! Olha, não sentes  
Os Zephyros brincar por entre as flores?

Vê como alli beijando-se os Amores  
Incitam nossos osculos ardentes!  
Eil-as de planta em planta as innocentes,  
As vagas borboletas de mil côres!

N'aquelle arbusto o rouxinol suspira,  
Ora nas folhas a abelhinha pára,  
Ora nos ares sussurrando gira:

Que alegre campo! Que manhã tão clara!  
Mas, ah! Tudo o que vês, se eu te não vira,  
Mais tristeza que a morte me causara.

## XXV

Fiei-me nos sorrisos da ventura,  
Em mimos femenis, como fui louco!  
Vi raiar o prazer; porém tão pouco  
Momentaneo relampago não dura:

No meio agora d'esta selva escura,  
Dentro d'este penedo humido e ouco,  
Pareço, até no tom lugubre, e rouco  
Triste sombra a carpir na sepultura:

Que estancia para mim tão propria é esta!  
Causaes-me um doce, e funebre transporte,  
Aridos matos, lobrega floresta!

Ah! não me roubou tudo a negra sorte:  
Inda tenho este abrigo, inda me resta  
O pranto, a queixa, a solidão e a morte.

## XXVI

Arde em vão por Elisa, em vão porfia  
Contra a constancia da heroína augusta  
O barbaro senhor d'Africa adusta,  
Que do sangue de Jove se gloria:

Em vão lhe off'rece a vasta monarchia,  
Aonde a espadua atlantica robusta  
Sustenta os céos, o caminhante assusta,  
E horridos monstros indomaveis cria:

Não cede Elisa; e vendo que furioso  
Usa da força o lybico tyranno,  
Ella intrepida escolhe um fim glorioso.

Mentes, mentes, injusto mantuano!  
Dido infeliz foi victima do esposo,  
Foi victima da fé, não do troyano.

## XXVII

Ha pouco a mãe das Graças, dos Amôres,  
Gerada pela espuma crystallina,  
Baixou da etherea região divina  
Nas azas dos Favonios voadores:

"O' das margens do Tejo habitadores!  
Hoje torna a luzir (disse Ericina)  
O lêdo instante em que nasceu Marina,  
Inclicto fructo de inclitos maiores:

"Do céo, do mar, da terra os soberanos  
Imprimindo-lhe encantos a milhares,  
Crearam n'ella a gloria dos humanos:

"Eis, cantae lhe os dotes singulares  
Louvae seus olhos, applaudi seus annos,  
Queimae-lhe aromas, erigi-lhe altares.

## XXVIII

A teus mimosos pés, meu bem, rendido,  
Confirmo os votos, que a traição manchara;  
Fumam de novo incensos sobre a ara,  
Que a vil ingratitude tinha abatido:

De novo sobre as azas de um gemido  
Te offereço o coração, que te aggravara;  
Saudoso torno a ti, qual torna á cara  
Perdida patria o misero banido:

Renovemos o nó por mim desfeito,  
Que eu já maldigo o tempo desgraçado  
Em que a teus olhos não vivi sujeito;

Concede-me outra vez o antigo agrado;  
Que mais queres? Eu choro, e no meu peito  
O punhal do remorso está cravado.

## XXIX

Os suaves effluvios, que respira  
A flôr de Venus, a melhor das flores,  
Exhalas dos teus labios tentadores,  
O' doce, ó bella, ó desejada Elmira;

A que nasceu das ondas, se te vira,  
A seu pesar cantara os teus louvores;  
Ditoso quem por ti morre d'amores!  
Ditoso quem por ti, meu bem, suspira!

E mil vezes ditoso o que merece  
Um teu furtivo olhar, um teu sorriso,  
Por quem da mãe formosa Amor se esquece!

O sacrilego atheu, sem lei, sem siso,  
Contemple-te uma vez, que então conhece  
Que é força haver um Deus, e um paraíso.

## XXX

Esses thesouros, esses bens sagrados  
Para os cegos mortaes, bens de que abunda  
Asia guerreira, America fecunda,  
Filhos da terra, pelo sol gerados:

Honras, grandezas, titulos inchados  
Servil incenso, adulação jocunda,  
Não quero, não, que sobre mim diffunda  
Amiga destra de risonhos Fados:

Quero que as Furias horridas m'escoltem,  
Quero que contra mim, que em vão deliro,  
Os racionais e irracionais se voltem:

Quero da morte o formidavel tiro,  
Comtanto, ó Jonia, que meus labios soltem  
N'esses teus labios o final suspiro.

## XXXI

Meu fragil coração, para que adoras,  
Para que adoras, se não tens ventura?  
Se uns olhos, de quem ardes na luz pura,  
Folgando estão das lagrimas que choras?

Os dias vês fugir, voar as horas  
Sem achar n'elles visos de ternura;  
E ainda a louca esperança te figura  
O premio dos martyrios, que devoras!

Desfaze as trevas de um funesto engano,  
Que não has de vencer a inimizade  
De um genio contra ti sempre tyranno:

A justa, a sacro-santa divindade  
Não força, não violenta o peito humano,  
E queres constranger-lhe a liberdade?

## XXXII

Os garços olhos, em que Amor brincava,  
Os rubros labios, em que Amor se ria,  
As longas tranças, de que Amor pendia,  
As lindas faces, onde Amor brilhava :

As melindrosas mãos, que Amor beijava,  
Os niveos braços, onde Amor dormia,  
Foram dados, Armania á terra fria,  
Pelo fatal poder que a tudo aggrava:

Seguiu-te Amor ao tacito jazigo,  
Entre as irmãs cobertas de amargura;  
E eu que faço (ai de mim!) como os não sigo!

Que ha no mundo que ver, se a formosura,  
Se Amor, se as Graças, se o prazer contigo  
Jazem no eterno horror da sepultura?

## XXXIII

Não disfarces, Marilia; por Josino  
Já nos teus olhos a paixão flammeja;  
E em que parte estará, que se não veja  
O tenro deus, o aligero menino?

Inda que ostente de animo ferino,  
Ha quem teu niveo peito abrase, e reja;  
Porém, Marilia, dize-me qual seja  
A causa justa de um amor tão fino?

N'esse, que as esquivanças te suavisa,  
Encontras uma férvida ternura,  
Um coração brioso, uma alma liza?

Seus meritos quaes são?... Mas, ó loucura!  
Quem é feliz, que meritos precisa?  
Que dons ha de mistér quem tem ventura?



## XXXIV

Ursulina gentil, benigna, e pura,  
Eis nas azas subteis de um ai cansado  
A ti meu coração v'oa alagado  
Em torrentes de sangue, e de ternura:

Põe-lhe os olhos, meu bem; vê com brandura  
Seu miseravel, doloroso estado;  
Que nas garras da morte já cravado  
A fé, que te jurava, inda te jura:

Põe-lhe os olhos, meu bem, suavemente,  
Põe-lhe os mimosos dedos na ferida,  
Palpa de Amor a victima innocente:

E por milagre d'elles, ó querida,  
Verás cerrar-se o golpe, e de repente  
Em ondas de prazer tornar-lhe a vida.

## XXXV

Em veneno lethifero nadando  
No roto peito o coração me arqueja;  
E ante meus olhos horrido negreja  
De mortaes afflicções espesso bando:

Por ti, Marilia, ardendo, e delirando  
Entre as garras asperrimas da Inveja,  
Amaldição Amor, que ri, e adeja  
Pelos ares, c'os Zephyros brincando:

Recreia-se o traidor com meus clamores,  
E meu cioso pranto... ó Jove, ó nume  
Que vibras os coriscos vingadores!

Abafa as ondas do tartareo lume,  
Que para os que provocam teus furores  
Tens inferno peor, tens o ciume.

## XXXVI

Do arbusto, a Nize, a Venus consagrado  
Envisquei hoje um trémulo raminho;  
Pousou n'elle este incauto passarinho,  
E pelos tenros pés ficou pegado:

Então, depois de o ter na mão fechado,  
Corri, dizendo alegre: — Eu adivinho  
Que ha de Nize estimar, que o meu carinho  
Lhe dedique este musico do prado.

Disse; e no mesmo instante a simples ave  
Desata a linda voz, e principia  
Um canto harmonioso, agudo, e grave:

Ah! por ser tua, entendo que dizia  
Que a prisão, mais gostosa e mais suave  
Que a propria liberdade encontraria!

## XXXVII

Ó retrato da morte, ó noite amiga  
Por cuja escuridão suspiro ha tanto!  
Calada testemunha do meu pranto,  
De meus desgostos secretária antiga!

Pois manda Amor, que a ti sómente os diga,  
Dá-lhes pio agasalho no teu manto;  
Ouve-os, como costumas, ouve, enquanto  
Dorme a cruel, que a delirar me obriga:

E vós, ó cortezãos da escuridade,  
Phantasmas vagos, mochos piadores,  
Inimigos, como eu, da claridade!

Em bandos acudi aos meus clamores;  
Quero a vossa medonha sociedade,  
Quero faltar meu coração de horrores.

## XXXVIII

Vinde, prazeres, que por entre as flores  
Nos jardins de Cythéra andaes brincando,  
E vós, despidas Graças, que dansando  
Trinaes alegres sons encantadores:

Deusa dos góstos, deusa dos amores,  
Ah! dos filhinhos teus ajunta o bando,  
E vem nas azas de Favonio brando  
Dar fôrça, dar belleza a meus louvores.

Da linda Anarda minha voz aspira  
A cantar o natal; tu, por clemencia,  
A teu fiel cantor, deidade, inspira:

Do thracio vate empresta-me a cadencia,  
E faze que mereça a minha lyra  
Os candidos sorrisos da innocencia.

## XXXIX

Canta ao som dos grilhões o prisioneiro,  
Ao som da tempestade o nauta ousado,  
Um, porque espera o fim do captiveiro,  
Outro, antevendo o porto desejado:

Exposta a vida ao tigre mosqueado  
Gira sertões o soffrego mineiro,  
Da esperança dos lucros encantado,  
Que anima o peito vil, e interesseiro:

Por entre armadas hostes destemido  
Rompe o sequaz do horrífico Mavorte,  
C'o triumpho, co'a gloria no sentido;

Só eu (tyranno Amor! tyranna sorte!)  
Só eu por Nize ingrata aborrecido  
Para ter fim meu pranto espero a morte.

## XL

Entre as tartareas forjas, sempre accesas,  
Jaz aos pés do tremendo, estygio nume,  
O carrancudo, o rabido Ciume,  
Ensanguentadas as corruptas presas:

Traçando o plano de crueis empresas,  
Fervendo em ondas de sulfureo lume,  
Vibra das fauces o lethal cardume  
De horridos males, de horridas tristezas;

Pelas terriveis Furias instigado  
Lá sae do inferno, e para mim se avança  
O negro monstro, de áspides toucado:

Olhos em brasa de revés me lança;  
Ó dor! Ó raiva! Ó morte! . . . Eil o a meu lado,  
Ferrando as garras na viperea trança.

## XLI

Pela porta de ferro, onde ululando  
O cão trífauce está perpetuamente,  
Entraste, Orpheu, co'a cythara eloquente  
Os monstros infernaes domesticando:

Penedos com teus sons amontoando  
Lá ergues Thebas, Amphion cadente;  
Pulsa Arion a lyra, e de repente  
Vê delphins, vê tritões no mar dansando:

Tu, linguagem do Céu, tu, melodia,  
A tudo encantas, para tudo és forte,  
Menos para aplacar a ingrata Armia:

Mais facil te ha de ser, domando a sorte,  
Ir de novo á tartarea monarchia  
Vêr outra vez o carcere da morte!

## XLII

Triste quem ama, cego quem se fia  
Da feminina voz na vã promessa!  
Aspira a vêl-a estavel! Mais depressa  
O facho apagará, que espalha o dia:

Alada exalação, que na sombria  
Tacita noite os ares atravessa,  
Foi commigo a paixão voluvel d'essa  
Que o peito me afagava, e me feria:

Do desengano o balsamo lhe applico,  
E a teus laços, Amor, sem medo exponho  
Dos beneficos Céos o dom mais rico:

Vejo mil Circes placido, risonho;  
E se fé me promettem, ouço, e fico  
Como quem despertou de aereo sonho.

## XLIII

Busquei n'um ermo Algalia feiticeira,  
Que de abrasado feixe a par jazia;  
Fui vêr se atro conjuro me extorquia  
Do laço antigo esta alma prisioneira;

Expuz-lhe minha fé, minha cegueira,  
Tracei meus males, e a rugosa estria  
Cedendo ás ternas máguas, que me ouvia,  
Cuspiu tres vezes na voraz fogueira:

Trémulas preces murmurou, e eu mudo;  
Eis que as melenas, em signal d'espanto,  
Erriça com semblante carrancudo:

"Meu rito é vão (me diz) e é vão teu pranto;  
O poderoso Amor zomba de tudo,  
Não vence encanto algum d'Amor o encanto."

## XLIV

Importuna Razão, não me persigas;  
Cesse a rispida voz que em vão murmura;  
Se a lei do Amor, se a força da ternura  
Nem domas, nem contrastas, nem mitigas:

Se accusas os mortaes, e os não abrigas,  
Se (conhecendo o mal) não dás a cura,  
Deixa-me a apreciar minha loucura,  
Importuna Razão, não me persigas.

E' teu fim, teu projecto encher de pejo  
Esta alma, fragil victima d'aquella  
Que, injusta e vária, n'outros laços vejo:

Queres que fuja de Marília bella,  
Que a maldiga, a desdenhe; e o meu desejo  
E' carpir, delirar, morrer por ella.

## XLV

Ó trevas, que enluctaes a natureza,  
Longos cyprestes d'esta selva annosa,  
Mochos de voz sinistra, e lamentosa,  
Que dissolveis dos fados a incerteza:

Manes, surgidos da morada accessa  
Onde de horror sem Plutão se gosa,  
Não aterreis esta alma dolorosa,  
Que é mais triste que vós, minha tristeza:

Perdi o galardão da fé mais pura,  
Esperança frustei do amor mais terno,  
A posse de celeste formosura:

Voltei pois, sombra vãs, ao fogo eterno;  
E lamentando a minha desventura.  
Movereis á piedade o mesmo inferno.

## XLVI

No carro de marfim sentada a Lua  
Da antiga mãe das sombras triumphava,  
Quando a furtivos gôstos me guiava  
Amor, a quem me entrega a sorte crua:

"Hoje (me disse o nume) ha de ser tua  
A nympha mais gentil, que o Tejo lava;  
Não deram tanta gloria á minha aljava  
Nem Venus a carpir, nem Tethis núa;

"Alli dorme o teu bem... vê, que momento..."  
Olho, corro anhelante, aos pés lhe caio,  
Mas tentando abraçar a, abraço o vento:

Meu peito arqueja em subito desmaio;  
Eis que sôa esta voz de horrendo accentto;  
"Profano! Expia o crime, e teme o raio!"

## XLVII

Inda em meu fragil coração fumega  
A cinza d'esse fogo em que ella ardia;  
A memoria da tua aleivôsia  
Meu socego ainda aqui desassocega:

A vil traição, que as almas nos despega,  
Não tem cabal poder na sympathia;  
Gasta o mar importuno a rocha fria,  
Melhor que o desengano a paixão cega:

Bem como o flavo sol que a terra abraça,  
Por mais que o veja densamente opposto,  
Attrahido vapor fere, e repassa:

Tal, para misturar gôsto e desgôsto,  
Na sombra de teus crimes brilha a graça,  
Com que o prodigo Céu creou teu rosto.

## XLVIII

Já o Inverno, expremendo as cans nevosas,  
Geme, de horrendas nuvens carregado;  
Luz o aereo fuzil, e o mar inchado  
Investe ao pólo em serras escumosas;

Ó benignas manhãs! tardes saudosas,  
Em que folga o pastor, medrando o gado,  
Em que brincam no hervoso e fertil prado  
Nymphas e Amores, Zephyros e Rosas!

Voltae, retrocedei, formosos dias:  
Ou antes vem, vem tu, doce belleza  
Que n'outros campos mil prazeres crias;

E ao vêr-te sentirá minha alma accesa  
Os perfumes, o encanto, as alegrias  
Da estação, que remoja a natureza.

## XLIX

Mimosa, linda Anarda, attende, attende  
As doces máguas do rendido Elmano;  
Co'um meigo riso, co'um suave engano  
Consola o triste amor, que não te offende:

De teus cabellos ondeados pende  
Meu coração fiel para seu damno;  
Co'a luz dos olhos teus Cupido ufano  
Sustenta o puro fogo, em que me accende:

Causa gentil das lagrimas que choro,  
A tudo te antepõe minha ternura,  
E quanto adoro o Céu, teu rosto adoro:

O golpe, que me déste, amima e cura...  
Mas ai! Que em vão suspiro, em vão te imploro:  
Não pertence a piedade á formosura.



## L

Meus olhos, attentae no meu jazigo,  
Que o momento da morte está chegado;  
Lá sôa o corvo, intérprete do fado;  
Bem o entendo, bem sei, fala commigo:

Triumphá, Amor, gloria-te, inimigo;  
E tu, que vês com dôr meu duro estado,  
Volve á terra o cadaver macerado,  
O despojo mortal do triste amigo:

Na campa, que o cobrir, piedoso Albano,  
Ministra aos corações, que Amor flagella,  
Terror, piedade, aviso, e desengano:

Abre em meu nome este epitaphio n'ella:  
"Eu fui, ternos mortaes, o terno Elmano;  
Morri d'ingratidões, matou-me Isbella."

## LI

Já no calado monumento escuro  
Em cinzas se desfez teu corpo brando;  
E pude eu vêr, ó Nize, o doce, o puro  
Lume dos olhos teus ir se apagando!

Horridas brenhas, solidões procuro,  
Grutas sem luz phrenetico demandando,  
Onde maldigo o fado acerbo e duro,  
Teu riso, teus afagos suspirando:

Darei da minha dôr continua prova,  
Em sombras cevarei minha saudade,  
Insaciavel sempre, e sempre nova:

Té que torne a gosar da claridade  
Da luz, que me inflamou, que se renova  
No seio da brilhante eternidade.

## LII

Oleno, meia-noite está cahindo:  
Accende a véla azul, queima as verbenas,  
Torra os ossos de rã, chamusca as pennas  
Da esquerda gralha, que apanhei dormindo:

C'o pé, co'a vara o ar, e o chão ferindo  
Emquanto o filtro portentoso ordenas,  
Eu irei, e a meu brado ouvido apenas  
Virão do inferno as Gorgonas surgindo:

Eia, ávante o prestigio, não cessemos  
Da irresistivel magica porfia,  
Contra quem vê sem dó nossos extremos;

Que se hoje o fel tragamos da agonia,  
Amanhã dôce nectar libaremos,  
Tu nos braços de Nize, eu nos de Armia.

## LIII

Vae-te, fera cruel, vae-te, inimiga,  
Horror do mundo, escandalo da gente,  
Que um ferreo peito, uma alma que não sente,  
Não merece a paixão, que me afadiga;

O céu te falte, a terra te persiga,  
Negras furias o inferno te apresente,  
E da baça tristeza o voraz dente  
Morda o vil coração, que amor não liga:

Disfarçados, mortiferos venenos  
Entre licor suave em aurea taça  
Mão vingativa te prepare ao menos:

E seja, seja tal tua desgraça,  
Que ainda por mais leves, mais pequenos  
Os meus tormentos invejar te faça.

## LIV

Não temas, ó Ritalia, que o choroço,  
O desvelado Elmano a fé quebrante,  
Não desconfies do singello amante,  
Que tu podes, tu só, fazer ditoso:

Serena o coração tenro e cioso,  
Que inda minh'alma te ha de ser constante  
Se, primeiro que a tua, andar errante  
Pelas margens do Lethes preguiçoso:

N'aquella ao sol inaccessible parte,  
Dos manes taciturnos entre o bando  
Ao negro esquecimento hei de furtar-te:

E o pensamento aligero voando  
Por abafados ares, visitar-te  
D'alli virá, meu bem, de quando em quando.

## LV

Ó deusa, que proteges dos amantes  
O destro furto, o crime deleitoso,  
Abafa com teu manto pavoroso  
Os importunos astros vigilantes:

Quero adoçar meus labios anhelantes  
No seio de Ritalia melindroso;  
Estorva que os máus olhos do invejoso  
Turbem d'amor os soffregos instantes:

Thetis formosa, tal encanto inspire  
Ao namorado sol teu niveo rosto,  
Que nunca de teus braços se retire!

Tarde ao menos o carro á Noite opposto.  
Até que eu desfalleça, até que expire  
Nas ternas ancias, no ineftavel gôsto.

## LVI

Aquella, que na esphera luminosa  
Precedendo a manhã, qual astro brilha,  
Mãe dos amores, das espumas filha,  
Que o amor na concha azul passeia airosa:

Apenas viu sorrir Nize formosa,  
A quem dos corações o deus se humilha,  
Do cinto desatando a aurea presilha,  
No regaço lh'o poz, lêda e mimosa:

"Não te é, bem sei (lhe diz), não te é preciso;  
Para attrahir vontades á ternura  
Basta-te um gesto, basta-te um sorriso:

"Mas deves possuil-o, ó nympha pura,  
Como trophéo, que dê ao mundo aviso  
De que Venus te cede em formosura.,

## LVII

Sonhei que a mim correndo o gnideo nume  
Vinha co'a Morte c'o o Ciume ao lado,  
E me bradava: — "Escolhe, desgraçado,  
Queres a Morte, ou queres o Ciume?"

"Não é peor d'aquella fouce o gume,  
Que a ponta dos farpões, que tens provado;  
Mas o monstro voraz, por mim creado,  
Quanto horror ha no inferno em si resume.,

Disse;—e eu dando um suspiro: "Ah! não m'espantes  
Co'a vista d'essa furia!... Amor, clemencia!  
Antes mil mortes, mil infernos antes!,"

N'isto accordei com dôr, com impaciencia;  
E não vos encontrando, olhos brilhantes,  
Vi que era a minha morte a vossa ausencia!

## LVIII

Ó Céos! Que sinto n'alma! Que tormento!  
Que repentino phrenesi me anceia!  
Que veneno a ferver de veia em veia  
Me gasta a vida, me desfaz o alento!

Tal era, doce amada, o meu lamento;  
Eis que esse deus, que em prantos se recreia,  
Me diz: — A que se expõe quem não receia  
Contemplar Ursulina um só momento!

“Insano! Eu bem te vi d'entre a luz pura  
De seus olhos travessos, e co'um tiro  
Puni tua sacrilega loucura:

“De morte, por piedade hoje te firo;  
Vae pois, vae merecer na sepultura  
A' tua linda ingrata algum suspiro.,

## LIX

Da minha ingrata Férida gentil  
Os verdes olhos esmeraldas são;  
É de candida prata a liza mão,  
Onde eu d'um beijo passaria a mil:

A trança, côr de sol, rede subtil  
Em que se foi prender meu coração,  
É d'ouro, o pae da tumida ambição,  
Prole fatal do calido Brasil:

Seu peito delicado e tentador  
É porção de alabastro, a quem jámais  
Penetraram farpões do deus traidor:

Mas como ha de a tyranna ouvir meus ais,  
Como ha de esta cruel sentir amor,  
Se é composta de pedras, e metaes!

## LX

Tragado o peito de crueis pezares,  
Em doloroso e rabido transporte,  
Contra Amor, de quem pende a minha sorte,  
Voavam meus queixumes a milhares:

Eis que, desde os azues serenos ares,  
Me grita o deus: — “Tua alma se conforto,  
Que nem sempre o Furor, o Estrago, a Morte  
Ministros hão de ser dos meus altares:

“Aquella paz, aquelle gosto, aquella  
Ventura, que até agora te hei negado,  
Guardei nos olhos de Ritalia bella,.

Disse, e limpando o rosto amargurado,  
Corro da nympha aos pés, encontro n'ella  
Quanto Amor pode dar, e o Céu, e o Fado.

## LXI

Desprega as azas, tímida Esperança,  
Minha consolação, não desanimes:  
Adeja, vã; os cultos não são crimes,  
Nem Jove a quem o adora os raios lança:

Com ais de um coração que não descança,  
Terno, benigno dó vae vê se imprimes  
Na formosa Ursulina, ou se reprimes  
Tenue porção de rispida esquivança:

Chorosas preces, tremulo respeito  
Exercita com ella, e tu, mimoso  
Candido Amor, que escravo me tens feito,

Para adoçar-lhe o genio desdenhoso  
Deixa-lhe os olhos, salta-lhe no peito,  
Não perdes nada, e fazes-me ditoso.

## LXII

Nize, das Graças e de Amor thesouro,  
Voto implorado me firmava um dia,  
Na face meiga a candida alegria,  
Aos ventos derramada a trança d'ouro:

Eis que junto de nós ave de agouro  
Tres vezes esvoaça, poussa e pia;  
Os ares prenhe sombra enlucta, esfria,  
E o raio estragador cahe sobre um louro.

No repentino horror, que a scena altera,  
Queria talvez dizer-me o fado  
Que não tinha o meu bem alma sincera?

Ah! Só quiz persuadir um desgraçado  
Que de o felicitar capaz não era  
Nem a gloria de ser por Nize amado.

## LXIII

Em que estado, meu bem, por ti me vejo,  
Em que estado infeliz, penoso o duro!  
Delido o coração de um fogo impuro,  
Meus prezados grilhões adoro e beijo:

Quando te logro mais, mais te desejo,  
Quando te encontro mais, mais te procuro,  
Quando m'o juras mais, menos seguro  
Julgo esse dôce amor, que adorna o pejo.

Assim passo, assim vivo, assim meus fados  
Me desarreigam d'alma a paz, e o riso,  
Sendo só meu sustento os meus cuidados!

E, de todo apagada a luz do siso,  
Esquecem-me (ai de mim!) por teus agrados  
"Morte, Juizo, Inferno e Paraíso,."

## LXIV

Eu deliro, Gertruria, eu desespero  
No inferno de suspeitas e temores:  
Eu da morte as angustias, e os horrores  
Por mil vezes sem morrer tolero:

Pelo céu, por teus olhos te assevero  
Que ferve esta alma em candidos amôres;  
Longe o prazer de illicitos favores!  
Quero o teu coração, mais nada quero.

Ah! não sejas tambem qual é commigo  
A cega divindade, a Sorte dura,  
A varia deusa, que me nega abrigo!

Tudo perdi: mas valha-me a ternura,  
Amor me valha, e pague-me contigo  
"Os roubos que me fez a má ventura.,

## LXV

O ledô passarinho, que gorgéia  
D'alma exprimindo a candida ternura,  
O rio transparente, que murmura,  
E por entre pedrinhas serpenteia:

O sol, que o céu diaphano passeia.  
A lua, que lhe deve a formosura,  
O sorriso da aurora alegre e pura,  
A rosa, que entre os zephyros ondeia:

A serena, amorosa primavera,  
O dôce auctor das glorias que consigo,  
A deusa das paixões, e de Cythéra:

Quanto digo, meu bem, quanto não digo,  
Tudo em tua presença degenera,  
"Nada se pode comparar contigo.,



LXVI

Ó terra, onde os seus dons, os seus favores  
Derrama de aureo cofre a Natureza,  
Que na estação de gelo, e da tristeza  
Borda teus prados de verdura e flores:

Ó clima dos heroes, e dos amôres,  
Esmalte e perfeição da redondeza,  
Tu, que abrigas em ti tanta belleza,  
Tantos olhos gentis, e encantadores:

Tu, que do grego errante e cauteloso,  
Da mão que ao nada reduziu Dardania,  
Tens em teus campos monumento honroso:

D'elles todos, ó patria, ó Lusitania,  
O do Tejo é mais ledo, é mais viçoso;  
Graças ao riso da celeste Armania.

LXVII

Preverso estragador da formosura,  
Alma corrupta, desleal, impia,  
Onde interesse, amor e aleivosia  
Jazem com feia, e sordida mistura:

O fructo que produz tua ternura  
São (que assombro!) a vileza, a tyrannia;  
Sacrificas a tua idolatria  
Com tuas proprias mãos em ara impura:

Que bruto coração, que torpe amante  
Vende o seu gosto? Ah! misera belleza,  
Eu te choro, eu te choro, outrem te cante:

Excedeu-se em formar-te a Natureza;  
Divina te julguei pelo semblante,  
Humana vejo que és pela fraqueza.

## LXVIII

Vendo o soberbo Amôr, que eu resistia  
No seu poder com animo arrogante,  
Mostrou-me um dôce, angelico semblante,  
Que a propria Venus invejar devia:

Minha nescia altivez, minha ousadia  
Em submissão troquei no mesmo instante;  
E o deus tyranno, achando-se triumphante,  
Com voz insultadora me dizia:

"Tu, que escapar ás minhas settas queres,  
Vil mortal, satisfaze o teu desejo,  
Vê, vê Corina, e fuge, se puderes,."

"Amôr, (lhe respondi) rendido a vejo;  
Adoro os olhos seus, com que me feres,  
Venero as tuas leis, teus ferros beijo,."

## LXIX

Honroso louro o capitão valente  
Ganhe embora na férvida peleja;  
Seu nome a fama espalhe, e geralmente  
Com pasmo, e com respeito ouvido seja:

Embora o torpe avaro, o vil demente,  
Que para os ferrolhar mil bens deseja,  
De ricas peças de metal fulgente  
Seus amplos cofres atulhados veja:

Embora de lisonjas incensado  
Tenha o moharcha ás suas leis sujeito  
O povo mais feliz, mais afamado:

Que a mim, para que viva satisfeito,  
Me basta possuir teu dôce agrado,  
Ter logar, ó Marilia, no teu peito.

## LXX

Deitado sobre a relva Amôr estava  
Dormindo ao pé d'uma arvore sombria,  
E n'um dos troncos pendurado havia  
Prenhe de settas a damnosa aljava:

Flora então, que d'isenta blasonava,  
E do infeliz Dorindo escarnecia,  
Com soberba, sacrilega ousadia,  
Quiz partir os farpões, que detestava:

Mas apenas lhe toca, a mão ferindo  
No bico de um dos ferros penetrantes,  
Grita, lavado em pranto o gesto lindo:

"Ai de mim! Firme exemplo dos amantes,  
Onde estás? Vem, não temas, vem, Dorindo,  
Que eu já não sou cruel como era d'antes.,

## LXXI

De cima d'estas penhas escabrosas,  
Que pouco a pouco as ondas têm minado,  
Da lua c'o reflexo prateado  
Distingo de Marilia as mãos formosas:

Ah! Que lindas que são, que melindrosas!  
Sinto-me louco, sinto-me encantado;  
Ah! Quando ellas vos colhem lá no prado,  
Nem vós, lyrios, brilhaes, nem vós, ó rosas!

Deuses! Céos! Tudo o mais que tendes feito  
Vendo tão bellas mãos, me dá desgosto;  
Nada, onde ellas estão, nada é perfeito.

Oh! quem pudéra unil-as ao meu rosto!  
Quem pudéra apertal-as no meu peito!  
Dar-lhe mil beijos, e expirar de gosto!

## LXXII

Antes eu visse matador cutelo  
Por mão ferina contra mim vibrado,  
Ou perecesse o peito esmigalhado  
Pelos golpes de rigido martelo:

Antes das Fúrias o infernal flagello  
Sentisse, como Orestes malfadado,  
E não das sombras d'afflicção turbado  
O céo, Marília, de teu rosto bello!

Das faces orvalhada a neve pura,  
Rouca a voz, e na terra a vista preza,  
Te observo, sem que morra d'amargura!

Tu d'esta sorte, angelical belleza?  
Ai de mim! Quem terá prazer, ventura.  
Se até pode no céo caber tristeza!

## LXXIII

De emmaranhadas cans o rosto cheio,  
De assacalada fauce armado o braço,  
Gigantêa estatura, aspecto baço,  
Um velho em sonhos vi, medonho e feio:

"Não tenhas, ó mortal, de mim receio;  
O Tempo sou (me diz) eu despedaço.  
Os collossos, os marmores desfaço,  
Prosto a vaidade, a formusura afeio:

"Mas sabendo a razão de teus pezares,  
Pela primeira vez enternecido,  
A falar-te baixei dos tenues ares:

"Soffre, por ora, o jugo de Cupido;  
Que eu farei, quando menos o cuidares,  
Que te escape Natercia do sentido."

LXXIV

Debalde um véo cioso, ó Nize, encobre  
Intactas perfeições ao meu desejo;  
Tudo o que escondes, tudo o que não vejo  
A mente audaz e aligera descobre:

Por mais e mais que as sentinellas dobres  
A sisuda Modestia, o cauto Pejo,  
Teus braços logro, teus encantos beijo,  
Por milagre da idéa affouta, e nobre:

Inda que premio teu rigor me negue,  
Do pensamento a indomita porfia  
Ao mais doce prazer me deixa entregue:

Que pôde contra Amor a tyrannia,  
Se as delicias, que avista não consegue,  
Consegue a temeraria phantasia?

LXXV

Das faixas infantis despido apenas,  
Sentia o sacro fogo arder na mente;  
Meu tenro coração inda innocente,  
Iam ganhando as placidas Camenas:

Faces gentis, angelicas, serenas,  
De olhos suaves o volver fulgente,  
Da idéa me extrahiam de repente  
Mil simples, maviosas cantilenas,

O tempo me soprou fervor divino  
E as Musas me fizeram desgraçado,  
Desgraçado me fez o deus menino:

A Amôr quiz esquivar-se, e ao dom sagrado:  
Mas vendo no meu genio o meu destino,  
Que havia de fazer? Cedi ao fado.

## LXXVI

Emquanto muda jaz, e jaz vencida  
Do somno, que a restaura, a Natureza,  
Augmento de meus males a graveza,  
Eu, desgraçado, que aborreço a vida.

Velando está minha alma escurecida  
Envolta nos horrores da tristeza.  
Qual tocha, que entre tumulos acceza,  
Espalha feia luz amortecida:

Velando está minha alma, estão com ella  
Velando Amôr, velando a Desventura,  
Algozes com que a Sorte me flagella:

Preside ao acto acerbo a formosura,  
Marilia desleal, Marilia, aquella  
Que tão branda me foi, que me é tão dura.

## LXXVII

Incense da Fortuna os vãos altares  
Destra venal de astuto lisonjeiro;  
Raios vibrando intrepido guerreiro  
De nuvens de atro fumo assombre os ares:

Domando a furia de assanhados mares  
Sagaz commerciante interesseiro,  
Pejado o bojo do baixel veleiro  
Opulento saúde os patrios lares:

A deusa, que por boccas cem respira  
Acclame o sabio que medita, e véla,  
Fertil em producções que o mundo admira:

Minha alma só se apraz, só se desvela  
Na gloria de cantar ao som da lyra  
Os olhos de Felisa, as graças d'ella.

## LXXVIII

Minha alma se reparte em pensamentos  
Todos escuros, todos pavorosos;  
Pondero quão terríveis, quão penosos  
São, existencia minha, os teus momentos:

Dos males que soffri, crueis, violentos,  
A Amôr, e aos Fados contra mim teimosos,  
Outros inda mais tristes, mais custosos  
Deduzo com fataes presentimentos.

Rasgo o véo do futuro, e lá diviso  
Novos damnos urdindo Amôr, e os Fados,  
Para roubar-me a vida apôz do siso.

Ah! Vem, Marília, vem com teus agrados,  
Com teu sereno olhar, teu brando riso  
Furtar-me a phantasia a mil cuidados.

## LXXIX

Por industria de uns olhos, mais brilhantes  
Que o refulgente sol dos céos no cume.  
Jaz prezo entre os grilhões do idalio nome  
O mais terno e sensível dos amantes:

Uma ingrata, exemplar das inconstantes,  
Por genio, por systema, ou por costume,  
Todo o fel da tristeza, e do ciume.  
Lhe verte sobre os miseros instantes:

Se com piedoso affago lhe suavisa,  
Lhe engana alguma vez a dôr, que o mata,  
Mil vezes com desdens o tyrannisa:

O laço aperta, e subito o desata...  
Ah! dôce encanto meu, gentil Felisa,  
O desgraçado eu sou, tu és a ingrata,

## LXXX

Em sonhos na escaldada phantasia  
Vi, que torvo dragão de olhos fegosos  
Com afiados dentes sanguinosos  
As tépidas entranhas me rompia:

Alva nympha louça, que parecia  
A mãe dos Amorinhos melindrosos,  
Raivosa contra mim, c'os pés mimosos  
Mais o drago faminto embravecia:

De marmore a meu pranto, a meu queixume,  
D'este mal, d'este horror sem dó, sem pena,  
Via dos olhos meus sumir-se o lume:

Ah! Não foi illusão tão triste scena:  
O monstro devorante era o Ciume,  
A cruel, que o pungia, era Filena.

## LXXXI

Doce nume d'amor, se á bella Armia  
Consagrei por teu mando a liberdade,  
Doce nume d'amor, se tens piedade  
Do coração, que Elmano em ais te envia:

Entre o calado horror da noute fria  
A minha amada, a minha divindade  
(Com seus olhos dourando a escuridade),  
Pinta em ledo sonho a phantasia:

Assome tão risonha, e tão brilhante  
Como a rosea manha no céo jucundo,  
E as lagrimas enxugue ao triste amante.

Contarei ao meu bem meu mal profundo,  
E que vivo sem elle absorto, errante,  
Perdido, amargurado, e só no mundo.



## LXXXII

O céo não te dotou de formosura,  
De attractivo exterior, e a Natureza  
Teu peito inficionou co'a vil torpeza  
De ingrata condição, falaz e impura:

Influiu-me os extremos da ternura  
A constancia, o fervor, e a singelleza,  
Esses dons, mais gentis que a gentileza,  
Dons, que o tempo fugaz não desfigura:

Apesar da traição, do fingimento  
Que te infama e desluz, se enleva e pára  
Em ti, alma infiel, meu pensamento:

Nas paixões a razão nos desampara;  
Se a razão presidisse ao sentimento,  
Tu morrêras por mim, eu não te amara.

## LXXXIII

As margens do Regaça crystallino  
Nos olhos de Tirséa ardi contente,  
Brandos olhos gentis, dos quaes pendente  
Estava o meu prazer, e o meu destino:

O tenro deus, o candido menino  
Pagava meu fervor puro, innocente;  
Mas cedo me impelliu sorte inclemente  
Para vós, tristes margens, que abomino:

Aqui desde que aponta a luz phebã  
De logar em logar deliro e corro,  
Com suspeitas nutrindo a turva idéa.

Não posso contra Amor achar soccorro;  
Perdi todo o meu bem, perdi Tirséa,  
Ella vive sem mim, sem ella eu morro.

## LXXXIV

Sobre estas duras, cavernosas fragas,  
Que o marinho furor vae carcomendo,  
Me estão negras paixões n'alma fervendo  
Como fervem no pégo as crespas vagas:

Razão feroz, o coração me indagas,  
De meus erros á sombra esclarecendo,  
E vás n'elle (ai de mim) palpando, e vendo  
De agudas ancias venenosas chagas:

Cego a meus males, surdo a teu reclamo  
Mil objectos de horror co'a idéa eu corro,  
Solto gemidos, lagrimas derramo:

Razão, de que me serve o teu soccorro?  
Mandas-me não amar, eu ardo, eu amo;  
Dizes-me que socegue, eu peno, eu morro.

## LXXXV

Debalde contra o Amor seu fel derrama  
Genio feroz á natureza opposto;  
Crua sphinge infernal de humano rosto,  
Ou furia accesa na tartarea flamma.

Esse, a que astuto engano um vicio chama,  
Benigno sentimento em nós disposto,  
Brota o desejo precursor do gosto,  
Gria o preciso ardor, que a tudo inflamma:

Doura a negra existencia ao desgraçado,  
Do peito arranca as serpes da tristeza,  
A que inda o mais feliz não foi vedado:

Ventura, ao doce Amor tu andas prêsa;  
É de todo o vivente instincto, e fado,  
É teu quinto elemento, ó Natureza!

## LXXXVI

Tu, que na fouce de sanguineo gume  
Tens féra, estragadora omnipotencia,  
Como soffres de Amor a resistencia,  
Ó Tempo devorante, ó impio nume?

E tu, que apagas da ternura o lume,  
Que tornas o desvelo em somnolencia,  
Filha do Lethes, esquecida Ausencia,  
Onde está teu poder, e o teu costume?

Nos outros c'ó prazer morre a firmeza,  
Arrefece a paixão de dia em dia,  
Longe dos olhos por que fôra accêsa:

Mas em mim terno ardor jámais esfria;  
Por gloria da constancia ou da belleza,  
Triumpham no meu peito Amor e Armia.

## LXXXVII

Que idéa horrenda te possui, Elmano?  
Que ardente phrenesi teu peito inflamma?  
A razão te allumie, apaga a chamma,  
Reprime a raiva do ciume insano:

Esperanças consome, ou vive ufano,  
Ah! Foge, ou cinge da victoria a rama;  
Ama-te a bella Armia, ou te não ama?  
Seus ais são da ternura, ou são do engano?

Se te ama, não consternem teus queixumes  
Os olhos de quem estás enfeitado,  
Do puro céu de Amor benigno lumes:

Se outro n'alma d'Armia anda gravado,  
Que fructo has de colher dos vãos ciumes?  
Ser odioso, além de desgraçado.

## LXXXVIII

Sobranceiro ao poder, e ás leis da sorte,  
Amor ouviu meus ais, cumpriu meu gosto:  
Já, já sinto nos olhos, peito, e rosto  
A nevoa, as ancias, o suor da morte:

Á terra mão piedosa me transporte,  
E depois que em sepulcro mal composto  
Der ao frio cadaver frio encosto,  
Estes versos por dó na pedra cörte:

"Aqui se esconde Elmano; alegre estado  
Algum tempo deveu á amiga estrella,  
Foi de Armia amador, de Armia amado:

"Desuniu duro caso o triste, e a bella;  
Viver sem ella lhe ordenava o fado;  
Quiz antes o infeliz morrer por ella..

## LXXXIX

Aureo fio subtil, que teve unida  
A corpo immaculado uma alma pura,  
De mimoso estalou, e a sepultura  
Ficou do teu despojo enriquecida:

De mil graças lustrosa a doce vida  
Subiu ao cume da immortal ventura;  
Dous nomes — Innocencia, e Formosura —  
Vão dando ao mundo eterna despedida:

Lá onde a morte, e a terra te devoram,  
Na estancia do silencio, e da tristeza,  
Inda, Marília, corações te adoram:

Longe da tua divinal belleza  
Aos olhos que te viram, que te choram,  
Um tumulto parece a natureza.

## XC

Vem, suspirada, carinhosa Armia,  
Remir o escravo, consolar o amante,  
Que afflicto, que saudoso a cada instante  
Te envia um pensamento, um ai te envia.

Dá-me nos olhos teus mais puro o dia,  
E flôres mais gentis em teu semblante  
Que a flôr de cytheréa, a flôr brilhante,  
Que o mesmo Abril prefere a quantas cria.

Inimiga de Amor é a tardança:  
Não tardes, não, meu bem, que me flagellas  
Em prolongar-me a soffrega esperança:

Vem olhar n'este rio as faces bellas,  
Vem, por doce illusão da semelhança,  
Vêr enganar-se os Zephyros com ellas.

## XCI

Do carcere materno em hora escura,  
Em momento infeliz, triste, agourado,  
Me desaferrolhou terrivel Fado,  
Meus dias commettendo á Desventura:

Perigosas sementes de ternura  
Havia o deus feroz em mim lançado;  
Que mil azedos fructos tem brotado,  
Regadas pelos prantos da amargura.

Escravo da despotica belleza,  
Remir-me de impia lei, que me domina,  
Tento, e desmaio ao começar a empresa:

Ô poder da paixão, que me allucina!  
Ô cego Amor! Ô fragil Natureza!  
N'alma busco a razão, e encontro Alcina.

## XCII

Egal ingratição, e equal vileza  
Poucos hão de encontrar entre as ruínas  
Que Amor prepara: prodiga de Alcinas  
Não é (graças aos Céos!) a natureza:

Genio de furia, monstro de torpeza,  
Que o pejo afogas, que a traição refinas,  
São as Julias, as Lais, as Messalinas  
A par de ti modelos de pureza.

Não temas, infiel, que á terra chame  
O raio, que reluz na mão do Eterno,  
Para que em negras cinzas te derrame:

Rasguem-te as garras do remorso interno  
O coração corrupto, o peito infame:  
Lá tenho um vingador, lá tens o inferno.

## XCIII

Ha um medonho abysmo, onde baqueia  
A impulsos das paixões a humanidade;  
Impera alli terrível divindade,  
Que de torvos ministros se rodeia:

Rubro facho a Discórdia alli meneia,  
Que a mil scenas de horror dá claridade;  
Com seus socios, Traição, Mordacidade,  
Range os dentes a Inveja escura e feia:

Vê-se a Morte cruel no punho alçando  
O ferro de sangrento hervado gume,  
E a toda a natureza ameaçando:

Vê-se arder, fumegar sulfureo lume...  
Que estrondo! Que pavor! Que abysmo infando!...  
Mortaes, não é o Inferno, é o Ciume!

## XCIV

A's aguas, e ás areias d'este rio  
Às flôres, e aos Favonios d'este prado,  
Meus damnos conto, minhas maguas fio,  
Dou queixas contra Ismene, Amor e o Fado:

A paz do coração posta em desvio,  
O gôsto em desenganos suffocado,  
Lagrimas com lembranças desafio,  
E pela tarda morte ás vezes brado:

Tão maviosos são meus ais mesquinhos,  
Tanto pode a paixão que em mim suspira,  
Que se esquecem das mãos os cordeirinhos:

O vento não se mexe, nem respira;  
Deixam de namorar-se os passarinhos,  
Para me ouvir chorar ao som da lyra.

## XCV

Voae, brandos meninos tentadores,  
Filhos de Venus, deuses da ternura,  
Adoçae-me a saudade amarga, e dura,  
Levae-me este suspiro aos meus amores;

Dizei-lhe que nasceu dos dissabores  
Que influe nos corações a formosura;  
Dizei-lhe que é penhor da fé mais pura,  
Porção do mais leal dos amadores:

Se o fado para mim sempre mesquinho,  
A outro offerece o bem de que me afasta,  
E em ais lhe envia Ulina o seu carinho:

Quando um d'elles soltar na esphera vasta,  
Trazei-o a mim, torcendo-lhe o caminho;  
Eu sou tão infeliz, que isso me basta.

## XCVI

Não dêa, encanto meu, não dêa, Armia,  
Ternas lamentações ao surdo vento;  
Se amorosa impaciencia é um tormento,  
Com lédas esperanças se allivia:

A rigorosa mãe, que te vigia,  
Em vão nos prende o lucido momento  
Em que solto, adejando o pensamento,  
Sobe ao cume da gloria, e da alegria:

As fadigas d'Amor não valem tanto  
Como a doce, a furtiva recompensa  
Que outorga, inda que tarde, aos ais, e ao pranto:

Amantes estorvar, que astucia pensa?  
Tem azas o desejo, a noite um manto,  
Obstaculos não ha, que Amor não vença.

## XCVII

Fataes memorias da traidora Alcina,  
D'aquella que encantou meu pensamento;  
Se vos quero sumir no esquecimento,  
Não o consente Amor, que me domina.

Que é da razão, que as almas illumina?  
Por que não põe limite a meu tormento?  
Ah! que mal a delinem. se exp'rimento  
Que não pode evitar-nos a ruina!

Do que estorvar não sabe ella murmura;  
Deixando-me os effeitos perigosos  
De amorosa, phrenetica amargura:

E inda são para mim menos penosos  
Os horrores da minha desventura.  
Que a vista, que o prazer dos venturosos.



## XCVIII

O céu, de opacas sombras abafado,  
Tornando mais medonha a noite feia;  
Mugindo sobre as rochas, que salteia,  
O mar, em crespos montes levantado:

Desfeito em furacões o vento irado,  
Pelos ares zunindo a sôlta areia,  
O passaro nocturno, que vozeia  
No agoureiro cypreste além pousado;

Formam quadro terrível, mas acceito,  
Mas grato aos olhos meus, grato á fereza  
Do ciúme, e saudade, a que ando affeito;

Quer no horror egualar-me a natureza;  
Porém cansa-se em vão, que no meu peito  
Ha mais escuridão, ha mais tristeza.

## XCIX

Sonho, ou vélo? Que imagem luminosa,  
Esclarecendo o manto á noite escura,  
A meus olhos pasmados se afigura?  
Sustém a tua dôr, alma saudosa!

De mais vistoso objecto o céu não gosa,  
A clareza do sol não é mais pura...  
Que encanto! Que esplendor! Que formosura...  
Cahiú-te um astro, abobada lustrosa!...

Sorrisos da purpurea madrugada,  
Vós tão gratos não sois... Ah! como inclina  
A face para mim branda, apiedada!

Refulgente visão, tu és de Ulima,  
Tu és copia fiel da minha amada,  
Ou reflexo talvez da luz divina.

## C

Em verso torneado ao som da lyra  
Eu canto amor, a formosura eu canto;  
Por teus olhos gentis, que podem tanto,  
Arde meu coração, treme, suspira:

Audaz competidor, esse que aspira  
De teus carinhos ao celeste encanto,  
Grosseiro e carrancudo infunde espanto,  
Da bruta estupidez nas sombras gira.

Ao vêl-o assim, e ao vêr minha amargura,  
Mal que elle a ti dirige a vista accesa,  
Todos ao meu temor chamam loucura:

Ah! Vem d'alta razão minha tristeza;  
Não receio o rival, temo a Ventura,  
Porque o pode vingar da Natureza.

## CI

Se, victima da ingrata, e do tyranno  
Que fazem lastimosa a tua sorte,  
Ao pêso do phrenetico transporte  
Ceder teu coração, misero Elmano:

Se áquelle que o teu mal contempla ufano  
Quizer teu fado que o prazer lhe aborte;  
Se nas garras tambem da turva morte  
Conhecer que a ventura é doce engano:

Se o seu despojo em fim se unir contigo,  
Para que nem, ó triste, a paz possuas  
Entre as eternas sombras do jazigo;

Zelosas despertando as cinzas tuas,  
Revôltas pelo horrôr, pelo odio antigo,  
Hão de em negro montão fugir das suas.

## CII

Voaste, alma innocente, alma querida,  
Foste vêr outro sol de luz mais pura,  
Falsos bens d'esta vida, que não dura,  
Trocaste pelos bens da eterna vida :

Por Deus chamada, para Deus nascida  
Já de vãs illusões vives segura :  
Feliz a fé te crê; mas a ternura  
C'o punhal da saudade está ferida.

Desgraçado o mortal, insano, insano  
Em dar seu pranto aos fados de quem mora  
No palacio do eterno soberano !

Perdôa, Anarda, ao triste que te adora :  
Tal é a condição do peito humano ;  
Se a Razão se está rindo, Amor te chora.

## CIII

Já de novo a meus olhos apparecem  
A graça, o riso, as flores da alegria ;  
Já na minha teimosa phantasia  
Cuidados que velavam adormecem :

Co'a verdade illusões se desvanecem,  
Qual fuge o triste mocho á luz do dia ;  
Providente Razão, porém tardia,  
Já sobre esta alma teus auxilios descem.

Como, cega paixão, nos persuades !  
Quando em Marcia não vi senão belleza  
Julguei que dava gloria ás divindades :

Mas do sacro fulgor co'a mente accesa  
Noto-lhe o coração, e as falsidades,  
Vejo que laz injuria á Natureza.

## CIV

Nascemos para amar; a humanidade  
Vae tarde, ou cedo aos laços da ternura:  
Tu és doce attractivo, ó formosura,  
Que encanta, que seduz, que persuade:

Enleia-se por gosto a liberdade;  
E depois que a paixão n'alma se apura,  
Alguns então lhe chamam desventura,  
Chamam-lhe alguns então felicidade:

Qual se abysma nas lobregas tristezas,  
Qual em suaves jubilos discorre,  
Com esperanças mil na idéa accesas:

Amor ou desfallace, ou pára, ou corre;  
E, segundo as diversas naturezas,  
Uma porfia, este aquece, aquelle morre.

## CV

A frouxidão no amor é uma offensa,  
Offensa que se eleva a grau supremo;  
Paixão requer paixão; fervor, o extremo  
Com extremo e fervor se recompensa.

Vê qual sou, vê qual és, vê que diff'rença!  
Eu descoro, eu praguejo, eu ardo, eu gemo;  
Eu choro, eu desespero, eu clamo, eu tremo,  
Em sombras a razão se me condensa:

Tu só tens gratidão, só tens brandura,  
E antes que um coração pouco amoroso  
Quizera vêr-te uma alma ingrata, e dura.

Talvez me enfadaria aspecto iroso;  
Mas de teu peito a languida ternura  
Tem-me captivo, e não me faz ditoso.

## CVI

Nos torpes laços de belleza impura  
Jazem meu coração, meu pensamento;  
E forçada ao servil abatimento  
Contra os sentidos a razão murmura:

Eu, que outr'ora incensava a formosura  
Das que enfeita o pudor gentil, e exempto,  
A já corrupta idéa hoje apascento  
Nos falsos mimos de venal ternura:

Se a vejo repartir prazer, e agrado  
A'quella, a este, co'a fatal certeza  
Fermenta o vil desejo envenenado;

Céos! Quem me reduziu a tal baixeza?  
Quem tão cego me pôz?... Ah! Foi meu Fado,  
Que tanto não podia a Natureza.

## CVII

Perdi tudo (ai de mim!) perdi Marfida,  
Marfida, a gloria minha, a minha amada;  
Tenra flôr, a esperanza mallograda  
Do mimoso matiz cabiu despida:

Pede meu coração mortal ferida,  
Só aos ditosos a existencia agrada;  
Vida entre angustias equivale ao nada,  
No risonho prazer consiste a vida.

Eia, amante infeliz, teu fim procura!  
Phantastico terror não te reporte,  
Nos tumulos não reina a formosura,

Diga triste letreiro a minha sorte:  
Dae me piedosa sombra á sepultura  
Teixos, cyprestes, arvores da morte.

## CVIII

Da rama escura de letal cypreste  
Em sonhos vi c'roadá a bella Armia;  
Alvas, mimosas carnes lhe envolvia  
Na negra morte a luctuosa veste:

Vagueava o meu bem n'um ermo agreste,  
Onde o mocho agoureiro se carpia,  
Não tão meiga e gentil como algum dia,  
Mas inda conservava um ar celeste:

"Esta que vês (me disse em tom maguado),  
Que não crêste mortal, mas divindade,  
É sombra vã, phantasma inanimado."

Eis ferido de amor e de saudade,  
Grito, accordo, e seguiu-se (ó duro fado!)  
A funesta visão fatal verdade.

## CIX

Lá onde o Fado impenetravel mora,  
Vôa o menino Amor entre os Amores;  
Loureja a trança, que matizam flôres,  
Scintilla o facho, que a Razão devora:

Entra, saúda o nune, ao nune implora  
Que de Marília os olhos tentadores  
Vejam sempre ante as Graças, e os Louvores  
De seus annos gentis surgir a aurora:

Fronte rugosa vezes tres sacode  
O deus, cujo poder tudo atropela,  
E ás supplicas d'Amor d'est'arte acode:

"Escape ás minhas leis Marília, bella  
Seja, seja immortal: durar não pode  
O mundo sem amor, amor sem ella."

## CX

Quantas vezes, Amor, me tens ferido?  
Quantas vezes, Razão, me tens curado?  
Quão facil de um estado a outro estado  
O mortal sem querer é conduzido!

Tal, que em gráu venerando, alto e luzido,  
Como que até regia a mão do fado,  
Onde o sol, bem de todos, lhe é vedado  
Depois com ferros vis se vê cingido:

Para que o nosso orgulho as azas corte,  
Que variedade inclue esta medida,  
Este intervallo da existencia á morte!

Travam-se gôsto, e dôr; socêgo, e lida;  
É lei da natureza, é lei da sorte  
Que seja o mal e o bem matiz da vida.

## CXI

Ó tu, consolador dos malfadados,  
Ó tu, benigno dom da mão divina,  
Das maguas saborosa medicina,  
Tranquillo esquecimento dos cuidados:

Aos olhos meus, de prantear cansados,  
Cansados de velar, teu vôo inclina;  
E vós, sonhos d'amor, trazei me Alcina,  
Dae-me a doce visão de seus agrados:

Filha das trevas, frouxa somnolencia,  
Dos gôstos entre o férvido transporte  
Quanto me foi suave a tua ausencia!

Ah! findou para mim tão lida sorte;  
Agora é só feliz minha existencia,  
No mudo estado, que arremeda a morte.

## CXII

Quando á que me rendeu jurava ufano  
Gostar por ella do funereo instante,  
Dizia a doce amada ao terno amante:  
"Inalia morrerá, se morre Elmano!",

O Tempo, das paixões, dos bens tyranno,  
Tornou ferino o divinal semblante,  
E nos labios gentis voz fulminante  
Vibrou, vibrou-me um raio; — o desengano!

Esperanças, murchar; tu, lisonjeiro  
Sonho adoravel, com que o ser mantive,  
Desfaze te em meu ponto verdadeiro:

Mas ás cinzas do amante Amor não prive  
Dos ais d'escravos seus; triste letreiro  
Diga: — "Elmano morreu, e Inalia vive."

## CXIII

Pode o tōsco pincel, que mal sustento,  
Pintar ousado divinal belleza?  
Oh! Quanto fôra temeraria empresa!  
Pagara icaria sorte o louco intento.

Não pinta humana penna um tal portento,  
Milagre da sublime Natureza;  
Tens mais alto pintor, que não despreza  
Pintar-te . . a mão, que fez o firmamento:

Tanto não posso, ó d'entre as bellas bella;  
E baixará dos Céos fiel soccorro  
P'ra traçar-te a paixão que me flagella?

Deliro, amavel Jonia; em vão discorro;  
Confunde me a afflicção que me atropela,  
Mal sei balbuciar que por ti morro.



## CXIV

Em fragil lenho o pelago cruzando,  
Nos turbilhões das vagas envolvido,  
A razão se me esvae, perco o sentido,  
Na triste vida minha imaginando:

Cedo a Morpheu: — a mente fluctuando  
Põe ante mim o Deus que impera em Gnido,  
Do arco aguda setta enfurecido  
Vae ao peito de Analia disparando:

Trémulo, insano, exausto, delirante,  
Brado ao numen feroz — “Espera, espera,  
Não firas, poupa um coração constante.”

N'isto o deus mostra o coração da fera;  
Vi-te pérfida, e disse agonisante:  
“Da lembrança riscar-te, ah! quem pudera!”

## CXV

Quiz, Marilia gentil, cantar teu dia,  
Teu dia grato a Amor, grato á Ventura,  
Pintar-te a graça, o riso, a formosura,  
Principios de ineffavel sympathia:

Ao pae da claridade e da harmonia  
Roguei canções de singular brandura;  
Mas sempre mais e mais a mente escura  
N'um tumulto de idéas se perdia:

Eis o deus, que da aurora aviva os lumes,  
Me diz — “Porque tens nome entre os humanos,  
Objectos divinaes cantar presumes?

“Subjuga dentro d'alma os sons profanos;  
Muda em culto o louvor; celebram numes,  
Mortaes adorem de Marilia os annos.”

## CXVI

Tu és meu coração, tu és meu nume;  
Não vive para mim do mundo o resto;  
A morte, a vida, os céos, meu fado attesto,  
Meu fado, que em teus olhos se resume.

Mas com frequente, rispido queixume  
Os mimosos ouvidos te molesto;  
Dias d'ouro, e de amor (ah!) toldo, empesto  
Co'as trevas mais que horriveis do ciume.

Olho-te as graças, olho-te a belleza,  
E cuido que enfeitiças por meu damno  
Quantos entes abrange a Natureza!

Soccorre, doce Marcia, o triste Elmano;  
Oh! Que infernal tormento o da incerteza!  
Ao menos é só morte e desengano.

## CXVII

Quando meu coração de Amor vivia,  
(Ufana a liberdade em vêr-se escrava)  
E quando para mim se variava  
O céu n'um riso, o céu n'um ai d'Armia:

Das escuras irmãs a mais sombria,  
E que mais com seu pêso o mundo aggrava,  
Na vista divinal, que me encantava,  
Roubou luz á minha alma, e luz ao dia:

Não mais, Dôr, fado meu, Dôr, meu costume;  
Cedo a paz gosarei, que o peito anhele,  
Nos olhos do meu bem, do céu já lume:

Junto á nympha immortal na estancia bella  
Os dias perennaes, que vive um nume,  
Irei (nume em ser seu) viver com ella.

## CXVIII

Noite, amiga de Amor, calada, escura,  
Eia engrossa os teus véos, os teus horrores;  
Em quanto vou gosar de mil favores  
Sobre o doce theatro da ternura:

Marilia, mais gentil, e até mais pura  
Que as ledas Graças, que as mimosas flôres,  
Velando ás mudas horas dos Amores  
Receia o casto pejo, que murmura:

Em deleitoso e tacito retiro,  
Suspensa entre o temor, entre o desejo,  
Fluctua a bella, a cuja posse aspiro:

Ah! já nos braços meus a aperto e beijo!  
Já, desprendendo um languido suspiro,  
No seio do prazer se absorve o pejo.

## CXIX

De homens e numes suspirado encanto,  
Lilia, innocente como virgem rosa,  
Lilia mais branda, Lilia mais formosa  
Que a nympha etherea, de puniceo manto:

Eu, e os Amores, que perderam tanto,  
Damos te ás cinzas oblação mimosa;  
Curva gotteje minha dôr saudosa  
Na molle offrenda, que requer meu pranto:

Em teu sagrado, perennal retiro,  
Disponho ao som de languidas querelas,  
A rosa, o cravo, a tulipa, o suspiro:

Medrae no chão de amor, florinhas bellas...  
Ah! Lilia, eu goso o Céu! . . Lilia, eu respiro  
Tua alma pura na fragancia d'ellas!

## CXX

Da fria habitação, da vitria gruta  
Alça o Callipo a fronte salitrosa;  
E risonho penteia a nunca enxuta  
Alva melena, rispida, e limosa;

Em tórno d'elle a modular se escuta  
Chusma de nymphas candida, e formosa;  
Dos ventos o tropel bramindo luta  
Lá na eolia masmorra cavernosa:

Dando lascivos osculos nas flores  
Gratos effluvios Zephiro derrama,  
Destaz do inverno os malditos vapores:

Almo prazer os corações inflamma,  
Tudo respira amor, tudo louvores  
Ao festivo natal do illustre Gama.

## CXXI

Da triste, bella Ignez, inda os clamores  
Andas, Echo chorosa, repetindo;  
Inda aos piedosos Céos andas pedindo  
Justiça contra os impios matadores;

Ouvem-se ainda na fonte dos Amores  
De quando em quando as nayades carpindo;  
E o Mondego, no caso reflectindo,  
Rompe irado a barreira, alaga as flores:

Inda altos hymnos o universo então  
A Pedro, que da morta formosura  
Convosco, Amores, ao sepulcro vña:

Milagre da belleza, e da ternura!  
Abre, desce, olha, geme, abraça e c'rôa  
A maltadada Ignez na sepultura.

## CXXII

De radiosas virtudes escoltada  
Déste immaturo adeus ao mundo triste,  
Co'a mente no almo polo, onde existe  
Bem, que sempre se gosa, e nunca enfada:

Á fouce, a segar vidas destinada,  
Mansissima cordeira o collo uniste;  
O que é do Céu ao Céu restituiste,  
Restituiste ao nada o que é do nada:

E inda gemo, ainda choro, alma querida,  
Teu fado amigo, tua dita immensa,  
Que em vez de pranto a jubilo convida!

Ah! Pio accôrdo minha mágua vença;  
É captiveiro para o justo a vida,  
A morte para o justo é recompensa.

## CXXIII

Tu, maligno dragão, cruel harpia,  
Monstro dos monstros, furia dos infernos,  
Que em vil murmuração, ralhos eternos  
Estragas sem descanso a noite e o dia:

Tu, que nas horas, em que o mocho pia,  
Calumniaste meus suspiros tenros,  
Sacode a carga de noventa invernos  
Nas descarnadas mãos da morte fria:

Cáe de chofre no barathro profundo,  
Cáe nas entranhas da voraz fornalha,  
Deixa em socêgo o miseravel mundo:

E entre a maldita, répobra canalha,  
Lá bem longe de nós, lá bem no fundo,  
Arde, murmura, amaldiçoa e ralha.

## CXXIV

Olhos suaves, que em suaves dias  
Vi nos meus tantas vezes empregados  
Vista, que sobre esta alma despedias  
Deleitosos farpões, no céu forjados ;

Santuários de amor, luzes sombrias,  
Olhos, olhos da côr de meus cuidados,  
Que podeis inflammar as pedras frias,  
Animar os cadáveres mirrados :

Troquei-vos pelos ventos, pelos mares,  
Cuja verde arrogancia as nuvens toca,  
Cuja horrida voz perturba os ares :

Troquei-vos pelo mal que me suffoca ;  
Troquei-vos pelos ais, pelos pesares :  
Oh ! cambio triste ! oh ! deploravel troca !

## CXXV

Da perfida Gertrúria o juramento  
Parece-me que estou inda escutando,  
E que inda ao som da voz suave e brando  
Encolhe as azas, de encantado, o vento :

No vasto, infatigavel pensamento  
Os mimos da perjura estou notando...  
Eis Amor, eis as Graças festejando  
Dos ternos votos o feliz momento

Mas, ah !... Da minha rapida alegria  
Para que accendes mais as vivas côres,  
Lisonjeiro pincel da phantasia ?

Basta, cega paixão, loucos amores ;  
Esqueçam-se os prazeres de algum dia,  
Tão bellos, tão duraveis como as flores.

## CXXVI

Emquanto os bravos, formidaveis Notos,  
Por entre os cabos trémulos zunindo,  
O fendente baixel vão sacudindo  
A climas, do meu clima tão remotos:

Emquanto de Nereu continuos motos  
Na vacillante pópa estou sentindo,  
Ao meu idolo amado, ausente, e lindo,  
Fórmo nas mãos d'Amor sagrados votos:

Mordaz tristeza o coração me corte,  
Soffra tudo, ó Gertruria, por amar-te,  
Farte-se embora a cólera da sorte:

Mas talvez (ai de mim!) que se não farte  
Que ou tua variedade, ou minha morte  
Me roube as esperanças de lograr-te.

## CXXVII

Usurpando um minuto a meu lamento  
Amigo somno os olhos me occupava,  
E emquanto o debil corpo descansava,  
Velava amor, velava o pensamento:

Eis que em deserto e lugubre aposento,  
Que semi-morta luz mais afeiava,  
Cri, Gertruria (ai de mim!), que te avistava  
Já sem côr, já sem voz, já sem alento:

Subito accordo em lagrimas banhado,  
E, das trevas palpando o véo medonho,  
Em vão busco teu corpo delicado:

Mas inda em ancias trémulo supponho  
Que me vaticinou meu negro fado  
Dos males o peor no horrível sonho.

## CXXVIII

Alva Gertruria minha, a quem saudoso  
Mando trémulos ais enternecidos;  
Gertruria, que encantaste os meus sentidos  
Co'um meigo riso, co'um olhar piedoso:

Amor, o injusto Amor, nume doloso,  
Insensível penedo a meus gemidos,  
Me exhala sobre os tímidos ouvidos  
Estas vozes crueis em tom raivoso;

"Tu, que já desfructaste os meus favores,  
Tu, que na face de Gertruria bella  
Nectar bebeste, mitigaste ardores,

Não tornarás, não tornarás a vê-la:  
Lamenta, desditoso, os teus amores.  
Accusa, desgraçado, a tua estrella.,

## CXXIX

Sonhei que nos meus braços inclinado  
Teu rosto encantador, Gertruria, via;  
Que mil ávidos beijos me soffria  
Teu niveo collo, para os mais sagrado:

Sonhei que era feliz por ser ousado,  
Que o siso, a força, a voz, a cõr perdia  
N'um extasis suave, em que bebia  
O nectar nem por Jove inda libado:

Mas no mais doce, no melhor momento  
Exhalando um suspiro de ternura  
Accordo, acho-te só no pensamento:

Ó destino cruel! Ó sorte escura!  
Que nem me dure um vão contentamento!  
Que nem me dure em sonhos a ventura!



## CXXX

Eu me ausento de ti, meu patrio Sado,  
Mansa corrente deleitosa, amena,  
Em cuja praia o nome de Filena  
Mil vezes tenho escripto, e mil beijado:

Nunca mais me verás entre o meu gado  
Soprando a namorada e branda avena,  
A cujo som descias mais serena,  
Mais vagarosa para o mar salgado:

Devo emfim manejar por lei da sorte  
Cajados não, mortiferos alfanges  
Nos campos do colerico Mavorte;

E talvez entre impavidas phalanges  
Testemunhas farei da minha morte  
Remotas margens, que humedece o Ganges.

## CXXXI

Do Mandovi na margem reclinado  
Chorei debalde a minha negra sina,  
Qual o misero vate de Corina  
Nas tomitanas praias desterrado:

Mais duro fez alli meu duro fado  
Da vil calumnia a lingua viperina;  
Até que aos mares da longinqua China  
Fui por bravos tufões arremessado;

Atassalhou-me a serpe, que devora  
Tantos mil, perseguiu-me o gran'gigante  
Que no terrivel promontorio mora:

Por barbaros sertões gemi vagante;  
Falta-me inda o peor, falta-me agora  
Vêr Gertruria nos braços d'outro amante!

## CXXXII

Praias de Sacavem, que Lemnoria  
Orna c'os pés nevados e mimosos,  
Gottejantes penedos cavernosos,  
Que do Tejo cobris a margem fria:

De vós me desarreiga a tyrannia  
Dos asperos destinos poderosos;  
Que não querem que eu logre os amorosos  
Olhos, aonde jaz minha alegria:

Ó funesto, ó penoso apartamento!  
Objecto encantador de meus sentidos,  
A sorte o manda assim, de ti me ausento:

Mas inda lá de longe os meus gemidos  
Guiados por Amor, cortando o vento,  
Virão, nympha querida, a teus ouvidos.

## CXXXIII

Camões, grande Camões, quam semelhante  
Acho teu fado ao meu, quando os cotejo!  
Igual causa nos fez perdendo o Tejo  
Arrostar c'o sacrilego gigante:

Como tu, junto ao Ganges sussurrante  
Da penuria cruel no horror me vejo;  
Como tu, gostos vãos, que em vão desejo,  
Tambem carpindo estou, saudoso amante;

Ludibrio, como tu, da sorte dura  
Meu fim demando ao Céu, pela certeza  
De que só terei paz na sepultura:

Modêlo meu tu és... Mas, ó tristeza!...  
Se te imito nos transe da ventura,  
Não te imito nos dons da natureza.

## CXXXIV

Adeja, coração, vae ter aos lares,  
Ditosos lares que Gertruria pisa ;  
Olha, se inda te guarda a fé, mais liza,  
Vê, se inda tem pesar dos teus pesares ;

No fulgor de seus olhos singulares  
Crestando as azas, tua dôr suavisa,  
Amor de lá te chama, te divisa,  
Interpostos em vão tão longos mares :

Dize-lhe, que do tempo o leve giro  
Não faz abalo em ti, não faz mudança,  
Que ainda lhe és fiel n'este retiro :

Sim, pinta-lhe immortal minha lembrança ;  
Dá-lhe teus ais, e pede-lhe um suspiro,  
Que alente, coração, tua esperança.

## CXXXV

Ah ! que fazes, Elmano ? Ah ! Não te ausentes  
Dos braços de Gertruria carinhosa :  
Trocas do Tejo a margem deleitosa  
Por barbaro paiz, barbaras gentes ?

Um tigre te gerou, se dó não sentes  
Vendo tão consternada, e tão saudosa  
A tagide mais linda, e mais mimosa ;  
Ah ! Que fazes, Elmano ? ah, não te ausentes

Teme os duros cachopos, treme, insano,  
Do enorme Adamastor, que sempre vela  
Entre as furias, e os monstros do Oceano :

Olha nos labios de Gertruria bella  
Como suspira Amor !... Vê, vê, tyranno,  
As Graças a chorar nos olhos d'ella !

## CXXXVI

Deixar, amado bem, teu rosto lindo,  
Teus afagos deixar, tua candura,  
Tanto me opprime, que da morte escura  
Sobre mim negras sombras vem cahindo.

Eu parto, e vou teu nome repetindo,  
Porque dê desafogo á mágua dura;  
Meus tristes ais, suspiros de amargura  
A'quem dos mares ficarás ouvindo:

Mas se me cercam no cruel transporte  
Quantas furias o barathro vomita,  
Se meu mal é peor que a mesma morte

O fado em me aterrar em vão cogita!  
Com todo o seu poder não pode a sorte  
Tua imagem riscar d'esta alma afficta!

## CXXXVII

Não mais, ó Tejo meu, formoso e brando,  
A' margem fertil de gentis verdores,  
Terás d'alta Ulysséa um dos cantores  
Suspiros no aureo metro modulando:

Rindo não mais verás, não mais brincando  
Por entre as nymphas, e por entre as flores,  
O côro divinal dos nús Amores,  
Dos Zephyros azues o affavel bando:

Co'a fronte já sem myrtho, e já sem louro,  
O arrebatada de rôjo a mão da Sorte  
Ao clima salutar, e á margem d'ouro:

Eil-o em fragas de horror, sem luz, sem norte,  
Sôa d'aqui, d'alli piado agouro;  
Sois vós, destêrro eterno, ermos da morte!

## CXXXVIII

Já por barbaros climas entranhado,  
Já por mares inhospitos vagante,  
Victima triste da fortuna errante,  
Té dos mais desprezíveis desprezado:

Da fagueira esperança abandonado,  
Lassas as forças, pallido o semblante,  
Sinto rasgar meu peito a cada instante  
A mágua de morrer expatriado:

Mas, ah! Que bem maior, se contra a sorte  
Lá do sepulcro no sagrado hospício  
Refugio me promette a amiga Morte!

Vem, pois, ó nume aos miseros propicio,  
Vem, livrar-me da mão pesada e forte,  
Que de rastos me leva ao precipício!

## CXXXIX

Aquelle, a quem mil bens outorga o Fado,  
Deseje com razão da vida amigo  
Nos annos egualar Nestor, o antigo,  
De tresentos invernos carregado.

Porém eu sempre triste, eu desgraçado,  
Que só n'esta caverna encontro abrigo,  
Por que não busco as sombras do jazigo,  
Refugio perduravel, e sagrado?

Ah! bebe o sangue meu, tósca morada;  
Alma, quebra as prisões da humanidade,  
Despe o vil manto, que pertence ao nada!

Mas eu tremo!... Que escuto!... É a Verdade,  
É ella, é ella que do Céu me brada:  
Ó terrível pregão da eternidade!

## CXL

Qual novo Orestes entre as Fúrias brada,  
Infeliz, que não crêa no Omnipotente;  
Com systema sacrilego desmente  
A razão luminosa, a fé sagrada:

Tua barbara voz eguale ao nada  
O que em todas as cousas tens presente;  
Basta que o sabio, o justo, o pio, o crente  
Louve a mão, contra os máus, do raio armada.

Mas vê, blasphemo atheu, vê, monstro horrendo,  
Que a bruta opinião, que cego expressas,  
A\si mesma se está contradizendo:

Pois quando de negar um Deus não cessas,  
De tudo o inerte Acaso auctor fazendo,  
No Acaso, a teu pesar, um Deus confessas!

## CXLI

Se a minha lastimosa desventura  
Irreparavel é, se trago escripto  
No rosto côr da morte o meu delicto,  
Que louca idéa os passos me segura?

Ah! Some-te, infeliz, fuge, e procura  
Margens quaes as do livido Cocytho,  
Brenhas, mattas, sertões, errante, afflicto,  
Até que vás parar na sepultura:

O' nume enganador, nume falsario!  
O' lubrica Fortuna de quem régo  
Em vão com triste pranto o santuario!

Já sem violencia em tuas mãos me entrego;  
Sim, vária, aqui me tens inda mais vário,  
Cega, a ti me abandono, inda mais cego!

## CXLII

O' Deus, ó rei do céu, do mar, da terra,  
(Pois só me restam lagrimas, clamores)  
Suspende os teus horribos furores,  
O corisco, o trovão, que a tudo aterra :

Nos subterraneos carceres encerra  
Os porcellosos monstros berradores,  
Que enchendo os ares de internaes vapores,  
Parece que entre si travaram guerra,

Para nós compassivo os olhos lança,  
Perdôa ao fraco lenho, attende ao pranto  
Dos tristes que em ti põem sua esperança !

As densas trevas despedaça o manto,  
Faze, em signal de proxima bonança,  
Brilhar no ethereo tope o lume santo !

## CXLIII

Apenas vi do dia a luz brilhante  
Lá de Tubal no emporio celebrado,  
Em sanguineo character foi marcado  
Pelos Destinos meu primeiro instante.

Aos dois lustros a morte devorante  
Me roubou, terna mãe, teu doce agrado ;  
Segui Marte depois, e emfim meu fado  
Dos irmãos, e do pae me poz distante :

Vagando a curva terra, o mar profundo,  
Longe da patria, longe da ventura  
Minhas faces com lagrimas inundo :

E emquanto insana multidão, procura  
Essas chimeras, esses bens do mundo,  
Suspiro pela paz da sepultura.

## CXLIV

No ethereo prado a lua apascentava  
Das estrellas o nitido rebanho,  
Quando o misero Almeno em clima extranho  
De negro bosque as sombras penetrava :

"Silencio, em cujo horror, que a vista aggrava,  
Qual phantasma noctivago me entranho!  
Soffre (dizia) os prantos, com que banho  
De um crime a nodoa, que o chorar não lava.

"Soffre os gritos... mas ai! que sem piedade  
Por entre folha e folha a luz procura  
Furtar-me o triste bem da escuridade!

Onde te heide escapar, ó sorte dura,  
O' cruel, insoffrivel claridade?  
Já sei onde, já sei — na sepultura!,

## CXLV

Sobre os contrarios o terror e a morte  
Dardeje embora Achilles denodado,  
Ou no rapido carro ensanguentado  
Leve arrastos sem vida o Teucro forte :

Embora o bravo Macedonio corte  
Co'a fulminante espada o nó fadado,  
Que eu de mais nobre estimulo tocado,  
Nem lhe amo a gloria, nem lhe invejo a sorte :

Invejo-te, Camões, o nome honroso;  
Da mente creadora o sacro lume,  
Que exprime as furias de Lyêo raivoso :

Os ais de Ignez, de Venus o queixume,  
As pragas do gigante procelloso,  
O céu de Amor, o inferno do Ciume.



CXLVI

Ser prole de varões assignalados,  
Que nas azas da fama e da victoria  
Ao templo foram da immortal Memoria  
Pendurar mil trophéos ensanguentados:

Lêr seus nomes nas paginas gravados  
D'alta epopéa, d'elegante historia,  
Não, não vos serve d'esplendor, de gloria,  
Almas soberbas, corações inchados!

Ouvir com dôr o miseravel grito  
De innocentes, que um barbaro molesta,  
Prezar o sabio, consolar o afflicto;

Prender teus vãos, Ambição funesta,  
Ter amor á virtude, odio ao delicto,  
"Das almas grandes a nobreza é esta."

CXLVI

Adamastor cruel! De teus furores  
Quantas vezes me lembro horrorisado!  
O' monstro! Quantas vezes tens tragado  
Do soberbo oriente os domadores!

Parece-me que entregue a vis traidores  
Estou vendo Sepulveda afamado,  
Co'a esposa, e c'os filhinhos abraçado,  
Qual Mavorte com Venus e os Amores

Parece-me que vejo o triste esposo,  
Perdida a tenra prole, e a bella dama,  
A's garras dos leões correr furioso:

Bem te vingaste em nós do afouto Gama!  
Pelos nossos desastres és famoso;  
Maldito Admastor! Maldita fama!

## CXLVIII

Cala a bôcca, satirico poeta,  
Não te mettas no rol dos maldizentes;  
Não tragas os mestiços entre dentes,  
Restitue ao carcaz a hervada setta;

Dizes que é má nação, que é casta abjecta,  
Fructo de enxertos vis? Irra! Tu mentes;  
Vae vêr-lhe os seus papeis; são descendentes  
Do solar d'Hidalcão por linha recta:

Vem d'heroes, quaes não viu Carthago ou Roma;  
De seus avós, andantes cavalleiros,  
A chusma de braços não cabe em somma:

E (se não mentem certos novelleiros)  
A muitos d'elles concedeu Mafoma  
O fôro de fidalgos escudeiros.

## CXLIX

Tu, Goa, *in illo tempore* cidade,  
Sempre tens habitantes de bom iote!  
Não receiam que a côr se lhes desbote,  
Privilegio da mista qualidade:

Nenhum ha, que não conte, e sem vaidade,  
Que seu primeiro avô, brutal Quixote,  
Dera no padre Adão com um chicote  
Por lhe haver disputado a antiguidade:

Diz-nos esta republica de loucos  
Que o cofre do Marata é ninhariz,  
Que do gran'Turco os redditos são poucos:

Mas em casando as filhas, quem diria  
Que o dote consistisse em quatro côcos,  
Um cafre, dez bajús, e a senhoria!

## CL

Lusos heróes, cadaveres sédiços,  
Erguei-vos d'entre o pó, sombras honradas,  
Surgi, vinde exercer as mãos mirradas  
N'estes vis, n'estes cães, n'estes mestiços:

Vinde salvar d'estes pardaes castiços  
As searas de arroz, por vós ganhadas;  
Mas ah! poupae-lhes as filhas delicadas,  
Que ellas culpa não teem, teem mil feitiços:

De pavor ante vós no chão se deite  
Tanto fusco rajá, tanto nababo,  
E as vossas ordens trémulo respeite:

Vão para as varzeas, leve-os o Diabo;  
Andem como os avós, sem mais enfeite  
Que o langotim, diametro do rabo.

## CLI

Das terras a peor tu és, ó Goa,  
Tu pareces mais ermo, que cidade;  
Mas alojas em ti maior vaidade  
Que Londres, que Paris, ou que Lisboa:

A chusma de teus incolas pregõa  
Que excede o gran Senhor na qualidade;  
Tudo quer senhoria; o proprio frade  
Allega, para têl-a, o jus da c'rôa!

De timbres prenhe estás; mas ouro e prata  
Em cruzes, com que d'antes te benziás,  
Foge a teus infanções de bolsa chata:

Oh! que feliz, e esplendida serias,  
Se algum fusco Merlim, que faz bagata,  
Te alborcasse a pardáus as senhorias!



## CLII

Eu vim c'roar em ti minhas desgraças,  
Bem como Ovidio misero entre os géatas,  
Terra sem lei, madrastra de poetas,  
Estuporada mãe de gentes baças :

Teus filhos, antes cães de muitas raças,  
Que não mordem com dentes, mas com tretas,  
E que impingir nos vem, como a patetas,  
Gatos por lebres, ostras por vidraças :

Tens várias casas, armazens de ratos,  
Tens febres, mordachins em demasia,  
De que escapamos a poder de tratos :

Mas a tua peor epidemia,  
O mal que em todos dá, que produz flatos,  
É a vã, negregada senhoria.

## CLIII

Quer vêr uma perdiz chocar um rato,  
Quer ensinar a um burro anatomia,  
Exterminar de Goa a senhoria,  
Ouvir miar um cão, ladrar um gato:

Quer ir pescar um tubarão no mato,  
Namorar nos serranhos da Turquia,  
Escaldar uma perna em agua fria,  
Vêr uma cobra castiçar co'um pato :

Quer ir n'um dia de Surrate a Roma,  
Lograr saude sem comer dois annos,  
Salvar se por milagre de Mafoma :

Quer despir a basofia aos castelhanos,  
Das penas infernaes fazer a somma,  
Quem procura amizade em vís gafanos.

## CLIV

Pilha aqui, pilha alli, vozeia auctores,  
Montesquieu, Mirabeau, Voltaire, e vários;  
Propõe systemas, tira corollarios,  
E usurpa o tom d'emphaticos doutores:

Sciencia de livreiros e impressores  
Traz da vasta memoria nos armarios;  
E tractando os christãos de visionarios,  
Só rende culto a Venus, e aos Amores:

A mulher, que a barriga lhe tem fôrra  
Do jugo da vital necessidade,  
Deixa em casa gemer, como em masmorra

Este biltre, labéo da humanidade.  
É um tal zote, um bacharel de borra;  
Tem de um burro o juizo, e a castidade.

## CLV

Tragedia de Tancreu, rei de Disuria,  
Original em plano, atroz no enredo;  
Tem actos dez, o heróe morre de medo,  
Depois de onze minutos de lamuria:

Tragedia de Rum rum, sultão da Incuria,  
Que honrar a patria ha de ir um dia cedo;  
Pregão, baração, açoutes, e degredo  
Pilha o protagonista, e lambe a injuria:

Peça de Gorgorão, rei de Biôco,  
Terra ao norte da Lybia, ao sul do mappa,  
A acção vem nos *Annaes de Manuel Côco*:

Eis com que ao Lethes o aranhico escapa:  
Tem mais sete em borrão, que dentro em pouco  
Aos zangãos do café irão dar pápa.

## CLVI

Quarta-feira quatorze do corrente  
Se apresenta outra vez com bom scenario  
No Salitre a comedia do "Antiquario",  
A que tem concorrido immensa gente:

É obra traduzida novamente  
Por um poeta, amigo do empresario,  
Memorião, que engole um dictionario,  
E orna de verdes pampanos a frente:

Em logar d'entremez se hade seguir  
Do Franco a grande peça curiosa,  
Tragedia de "Sesostris, que faz rir:

Tem versos naturaes; parecem prosa!  
Que venha o nobre publico applaudir  
Espera a companhia obsequiosa.

## CLVII

Em vermelho cartaz propôz-se á scena  
Lusa tragedia, que a nação gloria;  
*Do gran Nuno Gonçalves de Faria,*  
Producção singular de uma habil penna:

No acto primeiro Elvira, em não pequena  
Fala, maldiz da guerra a sanha impia:  
Amante, irmão, e pae vem á profia  
Tudo zangar co'a mesma cantilena:

Heroicidade em versos cento e cento;  
Engana o heroe o hispano, morre á espada,  
Lugubre a final lê-se um testamento:

De nupcias houve certa misturada;  
Findou-se o drama, pôz-se em movimento  
Na bôcca o riso, o pé com pateada.

## CLVIII

Dos torridos sertões, pejados d'ouro,  
Sahiu um sabichão d'escassa fama,  
Que os livros préza, os cartapacios ama,  
Que d's linguas repartem o thesouro:

Arranha o persiano, arranha o mouro,  
Sabe que Deus em turco *Allah* se chama;  
Que no grego alphabeto o G é *gamma*,  
Que *taurus* em latim quer dizer touro:

Para papaguear sahiu do mato:  
Aboccanha talentos, que não gosa;  
É mono, e prega unhas como gato:

É nada em verso, quasi nada em prosa:  
Não conheces, leitor, n'este retrato  
O guapo charlatão Thomé Barbosa?

## CLIX

Amigo Frei João, cuidas que é barro  
O fumoso tabaco por que bérro?  
Um nigromante me transforme em perro,  
Se ha coisa para mim como o cigarro!

Elle me arranca pegajoso escarro,  
Que nas fornalhas d'este peito encerro:  
O frio, as afflicções de mim destérro,  
Quando lhe lanço a mão, quando lhe agarro:

De vicio tal, se é vicio, não me corro;  
E só tomo rapé, simonte, ou esturro,  
Quando quero zangar algum cachorro.

Amigo Frei João, não sejas burro;  
Dize bem do cigarro senão morro:  
Traz-me lume já, ou dou-te um murro!

## CLX

Esse cabra, ou cabrão, que anda na berra,  
Que mammou no Brasil surra e mais surra,  
O vil estafador da vil bandurra,  
O perro, que nas cordas nunca emperra :

O monstro vil, que produziste, ó terra,  
Onde narizes natureza esmurra,  
Que os seus nadas harmonicos empurra,  
Com parda voz, das paciencias guerra :

Ó que sâe no focinho á mãe cachorra,  
O que nescias applaudem mais que a "Myrrha",  
O que nem veio de prosapia fôrra :

O que afina inda mais quando se espirra,  
Merece á philosiphica pachorra  
Um corno, um passa fora, um arre, um irra.

## CLXI

Vivem por h<sup>i</sup> alguns de várias tretas,  
Com um, eu esbravejo, com outros mango;  
Que opio dás ao machete orangotango,  
Tu, gloria das carrancas semi-pretas!

Quando acompanhas de infernaes caretas  
Inspido londum, ou vil fandango,  
Não posso tal soffrer: eu ardo, eu zango,  
Que no auge do assombro te intromettas:

Crespo Arion, Orpheu de carapinha,  
Já de sobejo tens fartado a gana  
No seio da formosa patria minha :

Com o faro de chulice americana  
Para o cálido sul cortando a linha  
Vae cevar te no côco, e na banana.



## CLXII

Conhecem um vigario de chorina,  
De insulsa phrase, de relé maruja?  
Sapo immundo, que bebe, ou que babuja  
No que deita por fora a Cabalina?

Este é um tal Franco, um tal sovina,  
Que orelhas mil e mil com trovas suja,  
Digno rival do mocho, e da coruja  
Quando a voz desenfreia, a banza afina:

Faz versos em francez, francez antigo,  
Em giria de Veneza, e finalmente  
Em corrupto hespanhol; leve o castigo:

Elle diz que são bons, e os mais que mente;  
Põe mãos á obra, faze o que te digo,  
Chicoteia esse bruto, e crê na gente.

## CLXIII

O mundo a porfiar que o Franco é tôlo,  
O Franco a porfiar que o mundo mente!  
Irra! o padre vigario é insolente,  
Raspem-lhe as mãos, e fervam-lhe o carolo:

Da brilhante razão jámais o rôlo  
Lhe entrou no casco, lhe raiou na mente;  
Mas como a natureza é providente,  
Com a basofia suppre-lhe o miolo.

Ora, vão trovador do "Heroe do Egypto",  
Tu não ouves, não vês o que se passa  
A'cêrca dos papeis, que tens escripto?

A copia de "Gessner, deu-se de graça;  
"Psyche, jaz de capella e de palmito;  
"Sesostris, infeliz morreu de traça.

## CLXIV

Havia mais de um mez que o bom Lizeno  
Fechar sequer um ôlho não podia;  
Submettido á fatal sabedoria  
Do respeitavel medico pequeno:

Hippocrates d'aqui, d'alli Galeno  
Revolvia o tacão na livraria;  
Remedios contra a insomnia requeria,  
Porém cada receita era um veneno:

Eis do Franco lhe lembra em continente  
Cada verso, mais duro do que um tronco,  
E *recipe* de alguns forma ao doente:

Em curta dóze applica o metro bronco;  
Receitou-lhe um terceto; eis de repente  
Começa a bocejar, e prega um ronco.

## CLXV

Li as quatorze regras aos pennachos,  
A trova que as orelhas nos magõa;  
Viva a maruja phrase — *Estou na prôa*... —  
Modêlo singular de termos baixos!

A lembrança dos bois, burros, e machos  
É lembrança feliz, é coisa boa!  
Pois o *palheiro*, que *sem peso vóa*!...  
Isso dá jús á cilha e berbicachos:

O logar onde a mão findou seis linhas  
Podia muito bem ficar em branco,  
Sem fazer falta ás pobres das vizinhas:

O quinto indigno verso é quasi manco;  
A idéa tem mais sal que tres marinhas;  
E a córnea conclusão laureia o Franco!

## CLXVI

Volve a Peniche, ó zanga de Lisboa,  
 Ó testa capataz das ôcas testas!  
 Vive entre os teus eguaes, vive entre as bestas,  
 E entre bestas vivendo abate a prôa:

Quem versos sem sabor produz á tôa  
 Só nos pôde brindar com obras d'estas;  
 Deixa brilhar nas procissões, nas festas  
 Nymphas de quem cupido em tórno vôa:

Mais bruto do que os bois, burros, e machos,  
 Ao lindo sexo amavel dás batalha,  
 Porque talvez te ornou de alguns pennachos!

No amor da experta Nize achaste falha,  
 Ou antes o fervor, que vem dos cachos,  
 Te fez, tôsko palheiro, arder a palha.

## CLXVII

Rapada, amarellenta cabelleira,  
 Vessos olhos, que o chá, e o dôce engoda;  
 Bôcca, que á parte esquerda se accommoda,  
 (Uns affirmam que fede, outros que cheira:)

Japona, que da ladra andou na feira;  
 Ferrugento faim, que já foi moda  
 No tempo em que Albuquerque fez a poda  
 Ao soberbo Hidalção com mão guerreira:

Ruçõ calção, que *espipa* no joelho,  
 Meia e sapato com que ao lodo avança,  
 Vindo a encontrar-se c'o esburgado artelho:

Jarra, com appetites de creança;  
 Cara com semelhança de besbelho;  
 Eis o bedel do Pindo, o doutor França.

## CLXVIII

Melizeu, o menor entre os nascidos,  
De tace cadaverica e nojosa,  
Phtisico em verso, apoquentado em prosa,  
Horrido aos olhos, horrido aos ouvidos:

Soltando dissonantes alaridos  
Da bôcca transversal, erma, e gulosa,  
Insulta a quem de Phebo os mimos gosa,  
Estafa-se em preceitos não cumpridos:

Ao vate Elmano plagiario chama,  
Sendo o mais desprezível plagiario,  
Que o que pilha desluz, corrompe, infama:

Profanador do Aonio santuario,  
Lobis homem do Pindo, orneia, ou brama,  
Até findar no inferno o teu fadario!

## CLXIX

Esse cantor de chá, manteiga, e queijo,  
Rato que rôe do Caldas a substancia,  
Pygmeu de insupportavel arrogancia,  
Que morde mais que pulga, ou persevejo:

Acceso no phrenetico desejo  
D'exceder dos Quixotes a constancia,  
A' frondosa Funchal mandou com ancia  
Atado em verde fita um triste beijo:

Pendia em tiracollo ao deus frécheiro  
A terna off'renda; eis Zephyro ladino  
O beijinho impelliu para o traseiro: ,

Quintanilha! Que opprobrio! Que destino!  
Mimo, que ia ao teu bem, tocou primeiro  
O nedio .. do trêfego menino!

## CLXX

Intruso no Apollineo santuario,  
Dar leis a cégos, illudir pedantes,  
Uivar entre as phreneticas bacchantes,  
Qual vago lobis-homem em seu fadario:

Voar de dictionario em dictionario,  
Pilhando aqui e alli porções brilhantes;  
Aguarentar com mãos surripiantes  
pygmeu de Cintra, teu verboso erario:

Por fôfos versos compassar tregeitos,  
Converter em trovão qualquer suspiro,  
Em tarda prosa chan roncar preceitos:

Com remendadas purpuras de Tyro  
Vestir absurdos, embuçar defeitos;  
Eis os progressos do pavão Belmiro.

## CLXXI

Belmiro, que entre os pampanos farfalha,  
Affectando entoar canções divinas,  
Fez, cansado d'asneiras pequeninas,  
Uma, que até percebe a vil gentilha:

N'esse idyllo, em que Fauno irado ralha,  
O divino amador das phrases finas  
Pôz o cornudo Pan, deus das campinas,  
De bruços a beber na vinea talha:

Um nume, que apesar do pé caprino  
Teve altar, teve incenso, e reverencia,  
Jaz na classe das bestas? Irra! afino!

Que mesquinhez do vate, e que insolencia  
Tudo por cinco réis, quando o mofino  
Co'um pucaro poupava esta indecencia!



## CLXXII

Junto ao Tejo, entre os tenros Amorzinhos,  
As belmiricas musas pequeninas,  
Para agradar a estupidas meninas  
Haviam fabricado uns bonequinhos:

Com elles os travessos rapazinhos,  
Que são mui folgazões, e mui traquinas,  
Armaram mil subtilezas alicantinas,  
E os lançaram depois n'uns bispotinhos:

Eis tagide louçã de eburneo collo,  
A quem não vencerá, por mais que lucte,  
O nosso Belmirinho, anão de Apollo,

Surge d'agua, e lhe diz: — "Filhinho, escute;  
Olhe com que noticia hoje o consolo!  
É poeta do rei Lilipute!,"

## CLXXIII

Preside o neto da rainha Ginga  
À corja vil, adúladora, insana:  
Traz sujo moço amostras de chanfana,  
Em copos deseguaes se exgotta a pinga:

Vem pão, manteiga, e chá, tudo á catinga;  
Masca farinha a turba americana;  
E o orangotango a corda á banza abana,  
Com gestos e visagens de mendiga:

Um bando de comparsas logo acode  
Do fôfo Conde ao novo Talaveiras;  
Improvisa berrando o rouco bode:

Applaudem de continuo as frioleiras  
Belmiro em dithyrambo, o ex-frade em ode;  
Eis-aqui de Lereno as quartas feiras.

## CLXXIV

Vós, ó França, Semmedos, Quintanilhas,  
Macedos, e outras pestes condemnadas;  
Vós, de cujas bozinas penduradas  
Tremem de Jove as melindrosas filhas:

Vós, nescios, que mammaes das vis quadrilhas  
Do baixo vulgo insonsas gargalhadas,  
Por versos máus, por trovas aleijadas,  
De que engenhaes as vossas maravilhas:

Deixae Elmano, que innocente e honrado  
Nunca de vós se lembra, meditando  
Em cousas sérias, de mais alto estado:

E se quereis, os olhos alongando,  
Eil-o! Vêde-o no Pindo recostado,  
De perna erguida sobre vós .....!

## CLXXV

Não tendo que fazer Apollo um dia  
As Musas disse: "Irmãs, é benefício  
Vadios empregar; dêmos officio  
Aos socios vãos da magra Academia:

"O Caldas satisfaça a padaria;  
O França d'enjoar tenha exercicio,  
E o auctor do entremez do rei egypcio  
O Pegaso veloz conduza á pia:

"Vá na Ulysséa tasquinhar o ex-frade:  
Da sala o Quintanilha accende as vélas,  
Em se juntando alguma sociedade:

"Bernardes nenias faça, e róa n'ellas;  
E Belmiro, por ter habilidade,  
Como d'antes, trabalhe em bagatellas."

## CLXXVI

Contra Elmano Sadino urrando avança  
O esteril Corydon, o vão Belmiro,  
Bernardo, o Nenias, lugubre vampiro,  
Que do extinto Miguel possui a herança;

O curto Quintanilha, o torpe França,  
O tonsurado retumbante Elmiro,  
Vibram tiros ao vate, e é cada tiro  
Mais frouxo, que pedrada de creança:

Elmano solta um... eis foge tudo;  
Eis os socios ganindo ao som do traque,  
Quaes do funil appenso os cães no entrudo:

Mas se inda a corja renovar o ataque,  
Bocage que fará? Fôr-se de escudo,  
Perder doze vintens n'um Almanach.

## CLXXVII

De insipida sessão no inutil dia  
Juntou-se do Parnaso a galegagem;  
Em phrase hirsuta, em gothica language  
Belmiro um dithyrambo principia:

Taful, que o portuguez não lhe entendia,  
Nem ao resto da comica salsagem,  
Saca o soneto, que lhe fez Bocage,  
E conheceu se n'elle a Academia:

Dos socios o peor silvou qual cobra,  
Desatou-se em trovões, desfez-se em raios,  
Dando ao triste Bocage o que lhe sobra:

Fez na calumnia vil crueis ensaios,  
E jaz com grandes creditos a obra  
Entre mãos de marujos, e lacaios.



## CLXXVIII

Tu, França, que na ode és mar em calma;  
Tu, mocho da pieria soledade,  
Bernardo, a quem no horror da escuridade  
Com dois versos á morte o estro acalma:

Quintanilha, pygmeu no corpo e n'alma;  
Da matriz d'Almostér tu, calvo abbade;  
Belmiro, anão de Appollo, e tu, ex-frade,  
Que em trovas de bum-bum levas a palma:

Vates, que mereceis do cardo a rama;  
Turba, que as settas da calumnia afias;  
Momentaneo borrão da alheia fama:

Dá cabo das sessões, com que enfastias;  
Por mão do secretario entrega á chamma  
Papelada servil de ninharias!

## CLXXIX

O' triste, malfadada Academia!  
O vate Elmano em satiras se espraia;  
Fervem correios ao loquaz Talaia,  
Que a todos teu descredito annuncia:

Apollo exulta, o povo te assobia;  
A gloria tua em convulsões desmaia;  
Ah! primeiro que a pobre em terra caia,  
Corte-se o vão da fatal porfia:

Ao satirico audaz põe duro freio,  
Pune o declamador, que te flagella;  
Dá-lhe assento outra vez no magro seio:

Bem como a quem profana uma donzella,  
Que em pena do affrontoso estupro feio  
Fazem pródidas leis casar com ella.

## CLXXX

Deixa, insigne Bocage, insulsos vates,  
Que o zêlo teu á guerra desafia;  
Brutos são, desconhecem poesia,  
Com as armas de Apollo em vão combates:

Por mais que em corrigil-os te dilates  
Fructo só tirarás d'essa porfia  
Conduzindo-os á alta enfermaria  
Da piedosa casa dos orates:

A Loreno, que é homem de juizo,  
Por muitos versos, cheios de belleza,  
Perdôa, se não gostas de improviso:

O egypcio *entremex* elle despreza;  
Nos outros, socio Elmano, é que é preciso,  
Palhas, dietas, e vergalhada tesa.

## CLXXXI

Por casa de Phebo entrou co'um vil bugio ;  
As Musas o animal não conheciam,  
E fugiam assustadas do que viam  
Foi de ventas a terra a pobre Clio:

"Não fujam! Venham cá!... Não é bravio,—  
Gritava o deus; e as manas, que tremiam,  
Todas por uma voz lhe respondiam;  
"Ai! Que bicho tão feio! ... Ai! Não me fio!..."

"Qual feio (acode Apollo) é mui galante;  
E na figura, e gestos, dá mil provas  
De ser em parte aos homens semelhante:

"Caldas o nomeei; com graças novas  
Faz-me estalar de riso a cada instante,  
E em premio lhe concedo o dom das trovas.,

## CLXXXII

Lembrou-se no Brasil bruxa insolente  
De armar ao pobre mundo extranha peta;  
Procura um mono, que infernal careta  
Lhe faz de longe, e lhe arranha o dente:

Pilhando-o por mercê do averno ardente,  
Conserva-lhe as feições na face preta;  
Corta-lhe a cauda, veste-o de roupeta,  
E os guinchos lhe converte em voz de gente:

Deixa-lhe os callos, deixa-lhe a catinga;  
Eis entre os lusos o animal sem rabo  
Prole se acclama da rainha Ginga:

Dos versistas se diz modêlo, e cabo;  
A sua alta sciencia é a mandinga,  
O seu benigno Apollo é o Diabo.

## CLXXXIII

"Não presta Corydon, não presta Elpino,  
Filinto é ninharia, é lixo Alfeno;  
Albano fala só do Tejo ameno,  
Só tardes e manhãs descreve Alcino:

"Trescala aos seiscentistas o Paulino;  
Pois Bocage! Isso é peste, isso é veneno!,"  
Roncava charlatão rolho e pequeno,  
Pequeno em corpo, em alma pequenino:

"Quem acha vossemecê (lhe sae d'um lado  
Taful do sério rancho das lunetas)  
Quem acha para versos estremado?," —

Quem! (dis o tal) não façam lá caretas:  
Um, que dos seus papeis anda pejado,  
O aguasil Daniel, cantor de pêtas.,

## CLXXXIV

"Das Petas o Almocreve, é obra tua,  
Bem se vê, Daniel, na phrase e gosto;  
*Adiça tres de Abril, ou seis de Agosto,*  
E de quem vende as rimas pela rua :

Cheira a teu nome o roubo da perúa,  
E entre o tostado arroz o gato posto;  
Eis a obra melhor, que tens composto,  
Inda que de artificio e graça núa:

A gente por Lisboa anda pasmada,  
Vendo-te farto, e cheio como um ovo  
Dos alvos pintos, que te deu por nada

E frio de terror murmura o povo  
Que a tua estupidez anda pejada,  
E que cêdo se espera um parto novo.

## CLXXXV

Tomo segundo á luz sahio das "Rimas  
De José Daniel Rodrigues Costa.,,  
Obra mui de vagar, mui bem composta,  
E sujeita depois a doudas limas:

Fala em opios, em manas, fala em primas,  
Diz cousas de que a plebe não desgosta,  
Morde em peraltas, na relé disposta  
A saltos, macaquices, pantominas:

Por estas, e por outras que tem feito  
Verá qualquer leitor nas obras suas  
Que elle para versar nasceu com geito:

Acham se em tendas, acham-se em commuas;  
E para lhe augmentar honra e proveito,  
As vende o proprio auctor por essas ruas.

## CLXXXVI

Sanhudo, inexoravel Despotismo,  
Monstro que em pranto, em sangue, a furia cevas,  
Que em mil quadros horrificos te enlevas,  
Obra da Iniquidade e do Atheismo:

Assanhas o damnado Fanatismo  
Porque te escore o throno onde te enlevas;  
Porque o sol da Verdade envolva em trevas,  
E sepulte a Razão n'um denso abysmo:

Da sagrada Virtude o collo pisas,  
E aos satellites vis da prepotencia  
De crimes infernaes o plano gizas:

Mas, apesar da barbara insolencia,  
Reinas só no ext'rior, não tyrannisas  
Do livre coração a independencia.

## CLXXXVII

Liberdade, onde estás? Quem te demora?  
Quem faz que o teu influxo em nós não caia?  
Por que (triste de mim!) por que não raia  
Já na esphera de Lysia a tua aurora?

Da santa redempção é vinda a hora  
A esta parte do mundo, que desmaia:  
Oh! Venha... Oh! Venha, e trémulo descaia  
Despotismo feroz, que nos devora!

Eia! Acode ao mortal, que frio e mudo  
Occulta o patrio amor, torce a vontade,  
E em fingir, por temor, empenha estudo:

Movam nossos grilhões tua piedade;  
Nosso numen tu és, e gloria, e tudo,  
Mãe do genio e prazer, ó Liberdade!

## CLXXXVIII

Liberdade querida, e suspirada,  
Que o Despotismo acerrimo condemna;  
Liberdade, a meus olhos mais serena  
Que o sereno clarão da madrugada!

Attende á minha voz, que geme e brada  
Por vêr te, por gosar-te a face amena;  
Liberdade gentil, desterra a pena  
Em que esta alma infeliz jaz sepultada;

Vem, ó deusa immortal, vem, maravilha,  
Vem, ó consolação da humanidade,  
Cujo semblante mais que os astros brilha;

Vem, solta-me o grilhão d'adversidade;  
Dos céos descende, pois dos céos és filha,  
Mãe dos prazeres, doce Liberdade!

## CLXXXIX

A prole de Antenor degenerada,  
O debil resto dos heroes troyanos,  
Em jugo vil de asperrimos tyrannos,  
Tinha a curva cerviz já callejada:

Era triste synonymo do nada  
A morta liberdade envolta em damnos;  
Mas eis que irracionais vão sendo humanos!  
Graças, ó Corso excelso, á tua espada!

Tu, purpureo reitor; vós, membros graves,  
Tremei na curia da sagaz Veneza;  
Trocam se as agras leis em leis suaves:

Restaura se a razão, cõe a grandeza,  
E o feroz despotismo entrega as chaves  
Ao novo redemptor da natureza.

## CXC

Não sinto me arrojasse o duro fado  
N'esta abobada feia, horrenda, escura,  
N'esta dos vivos negra sepultura,  
Onde a luz nunca entrou do sol dourado:

Não me consterna o ver me trespassado  
Com mil golpes crueis da desventura,  
Porque bem sei que a fragil creatura  
Raramente é feliz no mundo errado:

Não choro a liberdade, que enleuada  
Tenho em ferreas prisões, e a paz ditosa,  
Que voou da minh'alma attribulada:

Só sinto que Marília rigorosa  
Entre os braços de Aonio reclinada  
Zombe da minha sorte lastimosa.

## CXCI

N'esta, do feio opprobio estancia feia,  
Que abafas, mãe das trevas, com teu manto,  
Muda tristeza, carrancudo espanto  
O amotinado espirito me aneia:

Das sombras abrigada a fragil teia  
Urde Arachne sagaz de canto em canto,  
Minha imaginação faz outro tanto,  
Mil tristes pensamentos forma, enleia:

Minha imaginação de algoz me serve,  
Forçando-me a que os gostos d'algun dia  
Submersos d'este horror no abysmo observe:

D'encontradas visões na phantasia  
Baralhado tropel me cáe, me ferve,  
E n'esta confusão reluz Armia.

## CXCH

Quando na rosea nuvem sobe o dia  
De risos esmaltando a natureza,  
Bem que me aclare as sombras da tristeza  
Um tempo sem sabor me principia:

Quando por entre os véos da noite fria  
A machina celeste observo accesa,  
D'angustia, de terror a imagens prêsa  
Começa a devorar-me a phantasia.

Por mais ardentes preces, que lhe faço,  
Meus ais não ouve o numen somnolento,  
Nem prende a minha dôr com ténue laço:

No inferno se me troca o pensamento;  
Céos! Por que hei de existir, por que, se passo  
Dias d'enjôo, e noites de tormento?

## CXCHH

Folheando os annaes da antiguidade.  
Lendo n'elles, ó Pyramo, o teu fado,  
Vendo o peito d'Elisa atravessado  
Do ferro, que empunhou cruel saudade:

Chamado pela voz da Liberdade,  
Do desengano pela mão guiado,  
Fui jurar da Razão no altar sagrado  
Rancor eterno á céga divindade:

Mas o traidor, que aos mesmos céos se atreve  
Notando no meu voto o seu desdouro,  
De fazer-me perjuro astucias teve:

Mostrou-me de mil graças um thesouro,  
E obrigou-me a beber por mãos de neve  
"Refinado veneno em taça d'ouro."



## CXCIV

Edosa fada, que nos astros lia,  
Mil males me agourou com turvo aspecto;  
Mil males me agourou, mas indiscreto  
Tratei de falsa a negra prophesia;

Depois d'aquelle brusco, infausto dia  
Sempre velando as noites inquieto,  
Grasnar sinistro corvo sobre o tecto,  
Piar afflicto mocho á porta ouvia:

Vi d'um loureiro o tronco fulminado,  
Vi d'um cometa o resplendor temivel,  
Vi feias sombras voltejar me ao lado:

E vejo-te nas mãos da morte horrivel,  
O minha Filis! — Eis verificado  
"O desmentido oraculo terrivel."

## CXCv

Quem se vê maltratado, e combatido  
Pelas crueis angustias da indigencia,  
Quem soffre de inimigos a violencia,  
Quem geme de tyrannos opprimido:

Quem não pode ultrajado, e perseguido  
Achar nos Céos, ou nos mortaes clemencia,  
Quem chora finalmente a dura ausencia  
De um bem, que para sempre está perdido:

Folgará de viver, quando não passa  
Nem um momento em paz, quando a amargura  
O coração lhe arranca e despedaça?

Ah! Só deve agradar-lhe a sepultura,  
Que a vida para os tristes é desgraça,  
"A morte para os tristes é ventura."

## CXCVI

Do velho Ertílio, magico afamado,  
Meus passos dirigi ao antro escuro,  
Bradei-lhe: — "Ó semi deus, que em teu conjuro  
Tens dom, que força o barathro inflammado!

Se hei de ser como Tirsalia desgraçado,  
Me dize: pois que lendo no ether puro,  
Alças o véo do turbido futuro,  
Sopras a nevoa, que rodeia o fado.

Eis n'isto o mago tres vezes meneia  
A veneravel fronte; e em tom divino  
D'esta arte as esperanças me cerceia:

"Pesquisar o vindouro é desatino;  
Rogas-me em vão; só Jupiter folheia  
"O livro annoso do fatal destino.,

## CXCVII

Elmano, de teus mimos anhelante,  
Elmano em te admirar, meu bem, não erra;  
Incomparaveis dons tua alma encerra,  
Ornam mil perfeições o teu semblante:

Grangeias sem vontade a cada instante  
Claros triumphos na amorosa guerra:  
Thesouro que do céu vieste á terra,  
Não precisas dos olhos d'um amante.

Oh! Se eu pudesse, Amor, oh! se eu pudesse  
Cumprir meu gosto! Se em altar sublime  
Os incensos de Jove a Lilia dêsse!

Folgára o coração quanto se opprime;  
E a razão que os excessos aborrece,  
Notando a causa revelara o crime.

## CXCVIII

De nocturno, horroroso pesadêlo  
Fui na mente sombria atormentado;  
Inda palpito, da visão lembrado,  
Esfria o sangue, erriça-se o cabelo:

Vi d'um lado a Desgraça impondo o sêllo  
A's leis, que em damno meu creara o Fado;  
Meus males em tropel vi d'outro lado  
Ais dirigindo a corações de gêlo.

Co'a patria, mundo, e céo me vi malquisto,  
Ao longe a Gloria laureada, e bella,  
Ouvi dizer-me: — "De te honrar desisto!",

Tive a morte ante mim tôrva, amarella;  
Furias, Manes: — O horror não parou n'isto,  
Vi Nize, e o meu rival nos braços d'ella.

## CXCIX

Nize mimosa, como as Graças pura,  
Amavel Nize como as Graças bella,  
Se inda em teus olhos me pertence aquella  
Maviosa afeição, que fere, e cura:

Um ai, penhor de candida ternura,  
Envia ao triste, que esmorece, anheia;  
Que em ti cuidando solitario véla  
No seio antigo de masmorra escura;

Manda-lhe um ai, meu bem, com elle afaga  
Do ancioso amante o coração ferido,  
A quem mordaz saudade assanha a chaga:

Das minhas afflicções compadecido  
Nas azas côr de neve Amor o traga;  
Pago será com mil um só gemido.

## CC

Nas horas de Morpheu vi a meu lado  
Pavoroso gigante, enorme vulto:  
Tinha na mão sinistra, e quasi occulto,  
Volume em ferrea pasta encadernado:

— Ah! Quem és (lhe pergunto arripiado)?  
Mereces o meu odio, ou o meu culto?  
“Sou (me diz) o que em sombras te sepulto,  
Sou teu perseguidor, teu mal, teu Fado.

“Corres, triste mortal, por minha conta;  
Mas ha de a meu despeito haver quem córte  
A serie de tormentos, que te affronta:

“Poder vem perto, que te muda a sorte;  
Lá tens o teu regresso. . . — E n'isto aponta,  
Olho rapidamente, e vejo a Morte.

## CCI

Accêso no alme ardor, que a mente inflamma,  
Vivo de Amor, de Amor suspiro e canto;  
Na face agora o riso, agora o pranto,  
D'arvore tua, ó Phebo, eu cinjo a rama:

Prezo a dôce moral, na voz da fama  
Meu nome pouco a pouco aos céos levanto;  
Mas turba vil, que abato, aneio e espanto,  
Urde em meu damno abominavel trama;

Réo me delata de horrida maldade,  
Projecta anniquilar-me o bando rude,  
Envôlto na letêa escuridade:

Que falsa idéa, ó zoilos, vos illude?  
Furtaes-me a paz? Furtaes-me a liberdade?  
Fica me a gloria, fica-me a virtude.

## CCH

Bem hajas, ó Morpheu! Á phantasia  
Que scena divinal me déste agora!  
Nize, qual sãe da noite a grata aurora,  
Surgiu-me d'entre as sombras da agonia.

Mais bello inda a saudade me fingia  
O gesto encantador, que os céos namora;  
Cuido que inda me afaga, que inda chora  
Pranto, que morta fôr viver faria.

Graças, ó nume, de meus ais maguado!  
Alta mercê meu coração te deve,  
Por este acinte, que fizeste ao fado:

Só tua divindade a tal se atreve;  
Mas ah! Que eras prazer de um desgraçado  
Sempre mostraste, ó sonho, em ser tão breve.

## CCIII

Na accêsa phantasia estou medindo  
Os passos, e as acções da minha amada;  
Noto-lhe o puro collo, a mão nevada,  
Os olhos divinaes, o gesto lindo:

Vejo-a com dōces lagrimas sentindo  
Minha acerba oppressão de horror cercada,  
E em tórno da belleza amargurada  
As Graças soluçando, Amor carpindo:

A tudo quanto a vê, quanto a rodeia  
Té mesmo irracional e inanimado,  
Obriga a suspirar, commove, aneia:

E de a ter com meus males consternado  
Talvez lá na profunda estancia feia  
Dê tambem algum ai meu duro fado.

## CCIV

Excedo lustros seis por mais tres annos,  
Mas bem que juvenis meus annos sejam,  
Já murcham de agonia, e já me alvejam  
Não raros na cabeça os desenganos.

Os fados, meus verdugos, meus tyrannos,  
Que de Pandora o cofre em mim despejam,  
Folgam de que os mortaes nas cans me vejam  
Tristes amostras de frequentes damnos

Parece que devia a formosura  
Vingar-me dos crueis commigo irados,  
E da ternura o premio ser ternura:

Mas Nize (ó vãos extremos desgraçados!)  
Na trança infausta branquear procura  
O resto escuro, que escapou aos fados.

## CCV

Em sordida masmorra aferrolhado,  
De cadeias asperrimas cingido,  
Por ferozes contrarios perseguido,  
Por linguas impostoras criminado:

Os membros quasi nús, o aspecto honrado  
Por vil bôcca, e vil mão, roto e cuspidio,  
Sem vêr um só mortal compadecido  
De seu funesto, rigoroso estado:

O penetrante, o barbaro instrumento  
De atroz, violenta, inevitavel morte  
Olhando já na mão do algoz cruento:

Inda assim não maldiz a iniquia sorte,  
Inda assim tem prazer, socego, alento,  
O sabio verdadeiro, o justo, o forte.

## CCVI

Tu, que em torpes desejos atolado  
Vergonhosos prostibulos frequentas:  
Tu, que os olhos famintos alimentas  
No cofre, de thesouros atulhado.

Tu, que do ouro e da purpura adornado  
Quasi d'egual a Jupiter ostenta,  
Bebendo as phrases vis, e peçonhentas  
Do bando adulator, que tens ao lado:

Monstros, que desbonraes a humanidade,  
Desprezando a pobreza attribulada,  
E transgredindo a lei da caridade:

O Desengano ouvi, que assim vos brada:  
"Tremei da pavorosa eternidade,  
Tremei, filhos do pó, filhos do nada!",

## CCVII

Os milhões de aureos lustres coruscantes  
Que estão da azul abobada pendendo:  
O sol, e a que illumina o throno horrendo  
D'essa, que anima os avidos amantes:

As vastissimas ondas arrogantes,  
Serras d'espuma contra os céos erguendo,  
A lèda fonte humilde o chão lambendo,  
Lourejando as searas fluctuantes:

O vil mosquito, a prósvida formiga,  
A rama chocalheira, o tronco mudo,  
Tudo, que ha Deus a confessar me obriga:

E para crêr n'um braço, auctor de tudo,  
Que recompensa os bons, que os máus castiga,  
Não só da fé, mas da razão me ajudo.

## CCVIII

Filho, Espirito, e Pae, tres e um sómente,  
Que extrahiste do chaos, do pó, do nada  
O sol dourado, a lua prateada,  
O racional, e irracional vivente;

Eterno, justo, immenso, omnipotente,  
Que occupas essa abobada estrellada,  
Gran'Ser, de cuja força illimitada  
A machina do mundo está pendente;

Tu, que, se queres, furacão violento,  
Sumatra feia, tempestade escura  
Desatas, e subjugas n'um momento;

Creador, que remiste a creatura:  
Quebra o furor do tumido elemento,  
Que nos abre no inferno a sepultura!

## CCIX

O' rei dos reis, ó árbitro do mundo,  
Cuja mão sacro-santa os maus fulmina,  
E a cuja voz terrifica, e divina  
Lucifer treme no seu chaos profundo!

Lava-me as nódoas do peccado immundo,  
Que as almas cega, as almas contamina:  
O rosto para mim piedoso inclina,  
Do eterno imperio teu, do céu rotundo:

Extende o braço, a lagrimas propicio,  
Solta-me os ferros, em que choro e gemo  
Na extremidade já do precipicio:

De mim proprio me livra, ó Deus supremo!  
Porque o meu coração propenso ao vicio  
E', senhor, o contrario que mais temo.



## CCX

Se te adornas de sã philosophia,  
E pio coração, porque o desmentes,  
Mantendo contra as lindas innocentes  
Perante a série mãe tenaz porfia?

Se um character ingenuo desafia  
Tua voz a dizer tudo o que sentes,  
Considera tambem que tens presentes  
A virtude, a belleza, a fidalguia.

Despindo a magistral severidade  
Confessa que de uns olhos a brandura  
E' carta de favor, que persuade:

Sê digno preceptor, mas com doçura:  
Mil desculpas merece a tenra idade,  
E mil adorações a formosura.

## CCXI

O filho do Gran'Rei, que a monarchia  
Tem lá nos Céos, e que de si procede,  
Hoje mudo e submisso á furia cede  
De um povo, que foi seu, que á morte o guia:

De trevas, de pavor se veste o dia,  
Inchado o mar o seu limite excede,  
Convulsa a terra por mil boccas pede  
Vingança de tão nova tyrannia:

Sacrilego mortal, que espanto ordenas,  
Que ignoto horror, que lugubre apparatus!...  
Tu julgas teu juiz!... Teu Deus condemnas!

Ah! Castigae, senhor, o mundo ingrato:  
Caia-m-lhe as maldições, chovam-lhe as penas,  
Tambem eu morra, que tambem vos mato.

## CCXII

Se considero o triste abatimento  
Em que me faz jazer minha desgraça,  
A desesperação me despedaça  
No mesmo instante o fragil soffrimento:

Mas subito me diz o pensamento  
Para appacar-me a dôr, que me trespassa,  
Que este, que trouxe ao mundo a lei da graça,  
Teve n'um vil presepe o nascimento:

Vejo na palha o redemptor chorando,  
Ao lado a mãe, prostrandos os pastores,  
A milagrosa estrella os reis guiando:

Vejo o morrer depois, ó peccadores,  
Por nós, e fecho os olhos adorando  
Os castigos do Céu como favores.

## CCXIII

Nos campos o villão sem sustos passa,  
Inquieto na côrte o nobre mora;  
O que é ser infeliz aquelle ignora,  
Este encontra nas pompas a desgraça:

Aquelle canta e ri; não se embaraça  
Com essas cousas vãs que o mundo adora:  
Este (ó cega ambição!) mil vezes chora,  
Porque não acha bem que o satisfaça:

Aquelle dorme em paz no chão deitado,  
Este do eburneo leito precioso  
Nutre, exaspera velador cuidado:

Triste, sae do palacio majestoso;  
Se has de ser cortezão, mas desgraçado,  
Antes ser camponez, e venturoso!

## CCXIV

Tu de quantos dragões o inferno encerra  
 És o peor, Inveja pestilente!  
 Morde a virtude, ao merito faz guerra  
 Teu detestavel, teu maligno dente:

Athenas por teu mando iniquamente  
 O defensor Themistocles desterra;  
 O gran'Pacheco, o raio do Oriente,  
 Por ti cruel, sem funeraes se enterra:

Lividas göttas de infernal peçonha  
 Cuspiste sobre o nectar, que a ventura  
 Por mãos de neve me offereceu risonha:

E depois de tragar-me a Parca dura,  
 Ha de ir ainda a tua voz medonha  
 Minha cinza affrontar na sepultura.

## CCXV

Tu, por Deus entre todas escolhida,  
 Virgem das virgens, tu, que do assanhado  
 Tartareo monstro com teu pé sagrado  
 Esmagaste a cabeça entumecida:

Dôce abrigo, santissima guarida  
 De quem te busca em lagrimas banhado,  
 Corrente com que as nodoas do peccado  
 Lava uma alma, que geme arrependida:

Virgem, d'estrellas nitidas c'roadada,  
 Do Espirito, do Pae, do Filho Eterno  
 Mãe, filha, esposa, e mais que tudo amada:

Valha-me o teu poder, e amor materno;  
 Guia este cego, arranca-me da estrada,  
 Que vae parar ao tenebroso inferno:

## CCXVI

Senhor, que estás no Céu, que vês na terra  
Meu fragil coração desfeito em pranto,  
Pelas ancias mortaes, o ardor, o encanto  
Com que lhe move Amor, terrível guerra:

Já que poder immenso em ti se encerra,  
Já que aos ingenuos ais attendes tanto,  
Soccorre-me entre os santos sacro-santo,  
Criminosas paixões de mim desterra:

Fugir aos laços de um gentil semblante  
Não posso eu só: da tua mão preciso,  
Com que prostou David o atroz gigante:

Fira-me a contricção, torne-me o siso,  
Acode-me, Senhor, põe-me deante  
"Morte, Juizo, Inferno e Paraíso".

## CCXVII

Miseranda Innocencia és nome abstracto,  
És um titulo vão da humanidade;  
Quando se envolve em sombras a verdade,  
Quando soffres do crime o duro tracto:

Que importa que eu conserve o peito intacto  
Das peçonhentas fezes da maldade:  
Que em cumprir tuas leis, ó probidade,  
Fôsse meu coração fiel e exacto?

Que importa, se a calúnia m'o desmente,  
Se o ser do parecer é tão diverso,  
E em vão se oppõe o interno ao apparente?

Opinião, rainha do universo,  
Ante o teu tribunal omnipotente  
Socrates impio foi, e eu sou perverso!

## CCXVIII

N'este horrivel sepulcro da existencia  
O triste coração de dôr se parte;  
A mesquinha razão se vê sem arte,  
Com que dorme a phrenetica impaciencia:

Aqui pela oppressão, pela violencia  
Que em todos os sentidos se reparte,  
Transitorio poder quer imitar te,  
Eterna, vingadora omnipotencia!

Aqui onde o que o peito abrange, e sente  
Na mais ampla expressão acha estreiteza,  
Negra idéa do abysmo assombra a mente.

Differe acaso da infernal tristeza  
Não vêr terra, nem céu, nem mar, nem gente,  
Ser vivo, e não gosar da natureza?

## CCXIX

Sonho cruel o espirito inquieto  
Me arrebatou a incognita morada;  
Era de bronze a temerosa entrada,  
De bronze o pavimento, o muro, o tecto:

Ente disforme, de rugoso aspecto,  
D'alto assento me diz com voz pesada:  
"Té que do meu furor te abrigue o nada,  
Fulminei contra ti este decreto:

"Os fóros perderás da humanidade,  
Teus flagellos serão teus semelhantes,  
Hão de extorquir te a gloria e a liberdade:,"

N'isto accordo c'os membros titubantes:  
Assim temeste, ouvindo, ó ferrea Edade,  
A queda horrenda, que esmagou gigantes.

## CCXX

Minh'alma quer luctar com meu tormento;  
Contenda inutil! É por elle o fado:  
Apenas de opprimir-me está cansado  
Eterna força lhe refaz o alento:

Mais vale que delire o pensamento  
Té agora co'a Razão debalde armado;  
É menos triste, menos duro estado  
A Desesperação, que o soffrimento:

A Desesperação soluça e chora,  
A Desesperação mil ais desata,  
Parte do mal nas queixas se evapora:

O Soffrimento azeda o que recata;  
Prende suspiros, lagrimas devora,  
Tyrannisa, consome, e ás vezes mata.

## CCXXI

Vós, crédulos mortaes, allucinados  
De sonhos, de chimeras, de apparencias,  
Colheis por uso erradas consequencias  
Dos acontecimentos desastrados:

Se á perdição correis precipitados  
Por cegas, por fogosas impaciencias,  
Indo a cahir, gritaes que são violencias  
D'inexoraveis céos, de negros fados:

Se um celeste poder tyranno, e duro,  
As vezes extorquisse as liberdades,  
Que prestava, ó Razão, teu lume puro?

Não forcem corações as divindades;  
Fado amigo não ha, nem fado escuro:  
Fados são as paixões, são as vontades.

## CCXXII

Tenho assás conservado o rosto enxuto  
Contra as iras do Fado omnipotente;  
Assás contigo, ó Socrates, na mente  
A' dôr neguei das queixas o tributo:

Sinto engelhar-se da constancia o fructo,  
Cae no meu coração nova semente;  
Já me não vale um animo innocente;  
Gritos da natureza! Eu vos escuto.

Jazer mudo entre as garras da Amargura,  
D'alma estoica aspirar á vã grandeza,  
Quando orgulho não fôr, será loucura.

No 'spirito maior sempre ha fraqueza,  
E, abafada no horror da desventura,  
Cede a philosophia á natureza.

## CCXXIII

Não sou vil delator, vil assassino,  
Impio, cruel, sacrilego, blasphemo;  
Um Deus adoro, a eternidade temo,  
Conheço que ha vontade, e não destino;

Ao saber, e á virtude a fronte inclino;  
Se chora e geme o triste, eu choro, eu gemo;  
Chamo á beneficencia um dom supremo;  
Julgo a dôce amizade um bem divino:

Amo a patria, amo as leis, precisos laços  
Que mantéem dos mortaes a convivencia,  
E de infames grilhões ouço ameaços!

Vejo-me exposto á rigida violencia,  
Mas folgo; e canto, e durmo nos teus braços,  
Amiga da Razão, pura Innocencia.

## CCXXIV

Queimando o véo dos seculos futuros  
O vate, acceso em divinaes luzeiros,  
Assim cantou (e aos echos pregoeiros  
Exultaram, Sion, teus sacros muros):

"O justo descera dos astros puros  
Em deleitosos, candidos chuveiros,  
As feras dormitarão com os cordeiros,  
Suarão doce mel carvalhos duros;

A virgem será mãe; vós dareis flores,  
Brenhas intensas, em remotos dias;  
Porás fim, torva guerra, a teus horrores.,

Não, não sonhou o altisono Isaias;  
O reis, ajoelhae, correi, pastores!  
Eis a prole do Eterno, eis o Messias!

## CCXXV

Aquelle, que domina os céos brilhantes,  
Artifice da machina estrellada,  
Ante cuja grandeza os reis são nada,  
Átomo a terra, os seculos instantes:

O Deus, que contra os vicios negrejantes  
Pela voz dos trovões ao homem brada,  
Da misera virtude atropelada  
Vinga os tristes suspiros penetrantes:

Sem que o mortal com lagrimas o peça,  
Juiz imparcial, juiz superno  
Na causa do innocente se interessa:

Manda-te resurgir do horror eterno,  
Devorante remorso! Em ti começa  
O supplicio dos máus, dos máus o inferno.



## CCXXVI

A frente, que de louro ergui cingida,  
Ufana do louvor, e da innocencia,  
Jaz por effeito d'horrida apparencia,  
Curvada pelo opprobrio, e denegrida:

De mil gratos objectos guarneçada  
Rutilava a meus olhos a existencia;  
Hoje, amavel Prazer, na tua ausencia  
Parece aos olhos meus um ermo a vida.

De quantas côres se matiza o Fado!  
Nem sempre o homem ri, nem sempre chora,  
Mal com bem, bem com mal é temperado;

Os estados variam de hora em hora!  
Sabio o mortal, que em um, que em outro estado  
(Disposto a tudo) a Providência adora!

## CCXXVI

Aqui, onde arquejando estou curvado  
À lei, pesada lei, que me agrilha,  
De lugubres idéas se povôa  
Meu triste pensamento horrorisado:

Aqui não brame o Noto annuveado,  
O Zephyro macio aqui não vôa,  
Nem zune insecto aligero, nem sôa  
Ave de canto alegre, ou agourado;

Expelliu-me de si a humanidade,  
Tu, astro bemfeitor da redondeza,  
Não despendes commigo a claridade:

Só me cercam phantasmas da tristeza:  
Que silencio! Que horror! Que escuridade!  
Parece muda, ou morta a natureza.

## CCXXVIII

Tão negro como a turba que vagueia  
Na margem do Cocyto á luz odioso,  
O bando de meus males espantoso  
No sepulcro dos vivos me rodeia.

Qual me abala os fuzis da vil cadeia,  
Qual me afigura um rotulo affrontoso,  
Qual me diz (ai de mim!) que fui ditoso;  
Eis d'elles todos o que mais me aneia.

Tomara reforçar pela amargura  
Meu ser, que anda c'os fados tão malquisto,  
Tomara costumar-me á desventura:

Esquecer-me do bem gosado, e visto,  
Pensar que a natureza é sempre escura,  
Que é geral este horror, que o mundo é isto.

## CCXXIX

Ó vós que lamentaes d'Elmano a sorte,  
Crendo na escura terra o corpo frio,  
E os manes já sulcando o mudo rio,  
Na barca immensa de geral transporte:

Sabei que o dôce, inevitavel corte  
Lhe fuge da existencia ao tenue fio;  
E que seria em vós dever mais pio  
Chorar-lhe a vida, que chorar-lhe a morte:

Existindo agonisa um desgraçado;  
Quem lagrimas nas cinzas lhe derrama  
Parece que o queria atormentado;

Vive, mas pela morte Elmano chama,  
Com suspiros Elmano implora ao fado  
Que seja voz de agouro a voz da fama.

## CCXXX

Meus dias, que já fôram tão luzentes,  
Hoje da noite opaca irmãos parecem;  
Meus dias miseráveis emmurhecem  
Longe do gosto e longe dos viventes:

Horror das trevas, pêso das correntes  
Olhos, forças me abatem, me entorpecem:  
E apenas por momentos me apparecem  
Rostos sombrios de intractáveis entes:

Pagam-se da rugosa austeridade;  
Antolha-se-lhe um crime, um attentado  
Soffrer nos corações a humanidade:

Voae, voae do céu para meu lado,  
Ah! Vinde, doce Amor, doce amizade,  
Sou tão digno de vós, quão desgraçado.

## CCXXXI

Victima do rigor, e da tristeza,  
Em negra estância, em carcere profundo,  
O mundo habito sem saber do mundo,  
Como que não pertenço á natureza:

Emquanto pela vasta redondeza  
Vae sôlto o crime infesto, o vicio immundo,  
Eu (não perverso) em pranto a face inundo,  
Do grilhão supportando a vil dureza:

Mas no bojo voraz da desventura,  
Monstro por cujas fauces fui tragado,  
Em parte um pensamento a dôr me cura:

O infeliz (não por culpa, só por fado)  
N'aquelles corações em que ha ternura,  
É mais interessante, é mais amado.

## CCXXXII

Para as sombras da morte aqui me ensaio  
Na habitação da culpa e do desdouro;  
Lendo no mal presente o mal vindouro,  
Aqui choro, aqui tremo, aqui desmaio:

Por imagens fataes a idéa espraio,  
Negreja n'uma, e n'outra infausto agouro;  
Phebo! Ó Phebo! Ai de mim! Teu sacro louro  
A fronte não me escuda contra o raio.

Sou victima de asperrima violencia,  
Sem ter quem dos meus males se lastime  
N'este horrivel sepulcro da existencia:

Mas pêso dos remorsos não me opprime;  
A sussurrante, a vil Maledicencia  
D'erros dispersos me organisa o crime.

## CCXXXIII

Do tempo sobre as azas volve o dia,  
O ponto do meu triste nascimento;  
Vedado á luz do sol este momento,  
Furias, com vossos fachos se allumia!

Nascido apenas, pavorosa harpia  
Ao berço me voou de immundo alento;  
Empestando o miserrimo aposento,  
Eis me roga esta praga horrenda, impia:

"Esteja sempre o bem de ti remoto.  
Vivas sempre choroso, amargurado,  
Damne teus dias o destino immoto."

Cahiu-me a imprecação do monstro alado,  
Curto mil males, e entre sombras noto  
Outros com que me espera ao longe o fado.

## CCXXXIV

Nescia, vil ignorancia, injuriada  
Dos vivos, que meu estro me grangeia,  
Desce aos infernos, e a calumnia feia  
Bramindo extrae da lobrega morada :

Do monstro de cem bôccas escoltada  
Por aqui, por alli, corre, vagueia,  
Em meu nome de lar em lar semeia  
Agro dicterio, satira damnada :

Em cynico furor me finge acceso,  
Venenoso, mordaz, impio me chama,  
Diz que o jugo de um rei, de um Deus desprezo

Mas sempre, sobranceiro á baixa trama,  
Das patrias justas leis me é dôce o peso,  
Amo a religião, e aspiro á fama.

## CCXXXV

Pela voz do trovão corisco intenso  
Clama, que á natureza impera um ente,  
Que cinge do aureo dia o véu ridente,  
Que veste d'atra noite o manto denso :

Pasmar na immensidade, é crer o immenso ;  
Tudo em nós o requer, o adora, o sente ;  
Provam te os olhos, ouvidos, peito e mente ?  
Numem, eu ouço, eu olho, eu sinto, eu penso !

Tua idéa, ó gran'Ser, ó Ser divino,  
Me é vida, se me dão mortal desmaio  
Males que soffro, e males que imagino :

Nunca impiedade em mim fez bruto ensaio  
Sempre (até das paixões no desatino)  
Tua clemencia amei, temi teu raio.

## CCXXXVI

Lá quando a tua voz deu ser ao nada,  
Fragil creaste, ó Deus, a natureza;  
Quizeste que aos encantos da belleza  
Amorosa paixão fôsse ligada:

A's vezes em seus gostos desmandada,  
Nos excessos desliza-se a fraqueza;  
Fingem-te então com impeto e braveza  
Erguendo entre nós a dextra armada:

O' almas sem accôrdo, e sem brandura,  
Falsos órgãos do Eterno! Ah!... Profanae-o,  
Dando-lhe condição tyranna e dura!

Trovejae, que eu não tremo, e não desmaio;  
Se um Deus fulmina os erros da ternura,  
Uma lagrima só lhe apaga o raio.

## CCXXXVII

Um Ente, dos mais entes soberano,  
Que abrange a terra, os céos, a eternidade;  
Que difunde annual fertilidade,  
E aplanas as altas serras do oceano:

Um numen só terrível ao tyranno,  
Não á triste mortal fragilidade;  
Eis o Deus, que consola a humanidade,  
Eis o Deus, da razão, o Deus d'Elmano:

Um despota de enorme fortaleza,  
Prompto sempre o rigor para a ternura,  
Raio sempre na mão para a fraqueza:

Um creador funesto á creatura;  
Eis o Deus que horrorisa a natureza,  
O Deus do fanatismo, ou da impostura.

## CCXXXVIII

Eis da virtude o templo rutilante!  
Sacerdote ancião, de rubra veste,  
Compassa pelo cantico celeste  
Meneado thuribulo fumante:

Do' pio aroma, do vapor fragrante  
O giro salutar consome a peste  
Do vicio, que debalde encara, investe  
Turba d'heroes ás aras circumstante:

No solio majestoso a deusa abrindo  
Aos alumnos fieis almo thesouro,  
Dobra o preço a seus dons em dar sorrindo:

E á porta, que volteia em quicios d'ouro,  
A inveja prenhe d'aspides, bramindo,  
"Extrae da gloria alheia o seu desdouro."

## CCXXXIX

Dos negros mausoléos a deusa escura,  
Que o véo desdobra do funereo dia,  
Já Marilia sumiu na estancia fria,  
Deu mais um triste exemplo á formosura:

Soltou-se alma gentil, vida immatura,  
Do corpo, que em mil graças florescia;  
Saudade perennal geme, e avalia  
Thesouro, de que é cofre a sepultura:

Chora, dôce Tirséa, encanto amado!  
Feliz essa corrente maviosa,  
Se lagrimas pudessem mais que o fado!

Se aos chôros te surgisse a irmã formosa,  
Qual em ermo jardim desamparado  
Aos prantos da manhã revive a rosa.

## CCXL

Tributo em ais no coração gerados  
Não dês á cara cinza, afflicto esposo;  
Roçam da vida o circulo afanoso  
Caminhos florescentes, e estrellados:

Espiritos gentis, por Jove amados,  
Volvendo a seu principio luminoso,  
Olham sol não crestante, e mais formoso,  
Vagueiam sem temor por entre os fados.

Com alta phantasia, e rosto enxuto,  
Vê nos Elysios a immortal consorte,  
Vê da virtude a flôr tornar-se em fructo;

Dôce, augusta Verdade, Amor conforto;  
Em vós, ó impios, a existencia é lucto,  
E' nos eleitos um sorriso a morte.

## CCXLI

O' tu, que tens no seio a eternidade,  
E em cujo resplendor o sol se accende,  
Grande, immutavel ser, de quem depende  
A harmonia da etherea immensidade!

Amigo, e bemfeitor da humanidade,  
Da mesma que te nega, e que te offende,  
Manda ao meu coração, que á dôr se rende,  
Manda o refôrço d'efficaz piedade.

Oppressa, consternada a natureza  
Em mim com vozes languidas te implora,  
Orgãos do sentimento, e da tristeza:

A tua intelligencia nada ignora,  
Sabes que, de alta fé minha alma accesa,  
Té nas angustias o teu braço adora.



## CCXLII

Já com ténue clarão, já quasi escura  
A nocturna Diana o céo volteia,  
E sobre o Tejo azul, que mal prateia,  
Vae duplicando a trémula figura:

Aura subtil nas arvores murmura,  
No lago adormecido a rã vozeia,  
Mocho importuno agouros mil semeia,  
D'entre as umbrosas moutas da espessura:

Letargico vapor Morpheu derrama,  
Com que insinua um dôce desalento  
No livre coração de quem não ama:

Triste de mim! Se repousar intento  
Os olhos me abre Amor, Amor me inflamma,  
E Anália me persegue o pensamento.

## CCXLIII

Vós, que de meus extremos sois a historia,  
Versos, por negro zoilo em vão roubados,  
Nascidos da ternura, e restaurados  
C'o prompto auxilio de fiel memoria:

Da Inveja conseguindo alta victoria  
Ide, meus versos, em Amor fiados,  
Que d'elle só dependem vossos fados,  
Que n'elle só demando a minha gloria:

Não vos importe o publico juizo;  
Da voz, que pelo mundo se derrama,  
Os vivas caprichosos não preciso.

Voae aos olhos, cuja luz me inflamma;  
Tereis de Anarda approvador sorriso,  
Um sorriso de Anarda é mais que a Fama.

## CCXLIV

Cantor, que a fronte erguia engrinaldada  
Comvosco, idalias, c'rôas, myrtho, e rosas,  
Que viu por mão das tagides formosas  
D'aljofares a lyra, e d'ouro ornada:

Mente, d'ethereos dons abrilhantada,  
Que solta em producções, louças, pomposas,  
Surgiu, voou com azas luminosas  
Ante o bando, que vae de rôjo ao nada:

Estro, opulento do phebeo thesouro  
(Já dos epicos sons talvez no ensaio)  
Ouviu sahir das trévas triste agouro:

Seu fado o fulminou, bateu-lhe o raio  
A' sombra tua (ai dôr!) lá mesmo, ó louro!  
Chorae o, Amores! Tagides, chorae-o!

## CCXLV

Se o Destino cruel me não consente  
Que o ferro nú brandindo irado, e forte,  
Lá nos horrendos campos de Mavorte  
De louros immortaes guarneça a frente:

Se prohibe que em solio refulgente  
Faça os povos felizes, de tal sorte  
Que o meu nome apesar da negra morte  
Fique em padrões e estatuas permanente:

Se as suas impias leis inexoraveis  
Não querem que os mortaes em alto verso  
Contem de mim façanhas memoraveis:

Submisso á má ventura, ao fado adverso,  
Ao menos por desgraças lamentaveis  
Terei perpétua fama no universo.

## CCXLVI

Em vão, para tecer-me um lêdo engano,  
Philosopho ostentoso industrias cansa:  
Diz-me em vão, que exhalando-se a esperança,  
Repousa na apathia o peito humano:

O nauta a sossobrar no pégo insano  
Vê rir-se ao longe a cérula bonança;  
A mente esperançosa enfreia, amansa  
Os roncós, e as bravezas do oceano:

Se nos miseros cáe da mão dos fados  
O negro desengano, eil-os anciosos,  
E á desesperação, e á furia dados!...

Dourae-nos o porvir, ó Céos piedosos!  
Justos Céos! Dêem sequer jardins sonhados  
As flôres da ventura aos desditosos!

## CCXLVII

No abysmo tragador da Humanidade  
(D'ella, d'ella não só, de quanto existe)  
Co'a mesma rapidez, Elmano, ah! viste  
Sumir se a florescente, e a murcha idade

Olha em muros, que veste a escuridade,  
Olha a côr de teu fado, a côr mais triste:  
Talvez (agora!.. agora! ..) elle te aliste  
No volume, em que lê a eternidade!

Ó tochas funereas! Clarão medonho!  
Da morte, ó mudas, solitarias scenas!  
Em vós arripiado os olhos ponho!...

Ah! Por que tremes, louco? Ah! Por que penas?  
Sonhas n'um ermo, e surgirás do sonho  
Em climas d'ouro, em regiões amenas.

## CCXLVIII

Se o grande, o que nos orbes diamantinos  
Tem curvos a seus pés dos reis os fados,  
Novamente me der vêr animados  
De modesta ventura os meus destinos:

Se accordarem na lyra os sons divinos,  
Que dormem (já da gloria não lembrados),  
Ao côro eterno, candidos e alados  
Honrar com elle um Deus ireis, meus hymnos:

Mas, da humana carreira inda no meio,  
Se a debil flôr vital sentir murchada  
Por lei que envôlta na existencia veiu;

Co'a mente pelos céos toda espriada,  
Direi, d'eternidade ufano e cheio:  
"Adeus, ó mundo! ó natureza! ó nada!,"

## CCXLIX

Meu ser evaporei na lida insana  
Do tropel de paixões, que me arrastava;  
Ah! cego eu cria, ah! misero eu sonhava  
Em mim quasi immortal a essencia humana:

De que innumerados sôes a mente ufana  
Existencia falaz me não dourava!  
Mas eis succumbe a Natureza escrava  
Ao mal, que a vida em sua orgia damna.

Prazeres, socios meus, e meus tyrannos!  
Esta alma, que sedenta em si não coube,  
No abysmo vos sumiu dos desenganos.

Deus, ó Deus!... Quando a morte á luz me roube  
Ganhe um momento o que perderam annos,  
Saiba morrer o que viver não soube.

## CCL

Já Bocage não sou!... À cova escura  
Meu estro vae parar desfeito em vento...  
Eu aos Céos ultrajei! O meu tormento  
Leve me torne sempre a terra dura:

Conheço agora já quão vã figura  
Em prosa e verso fez meu louco intento:  
Nusa!... Tivera algum merecimento  
Se um raio da razão seguisse pura!

Eu me arrependo; a lingua quasi fria  
Brade em alto pregão á mocidade,<sup>1</sup>  
Que atraz do som phantastico corria:

Outro Aretino fui... A santidade  
Manchei!... Oh! se me crêste, gente impia,  
Rasga meus versos, crê na eternidade!

,FIM



# ALFREDO KEIL TOJOS E ROSMANINHO

[OBRA POSTHUMA]

Esta magnifica obra consta de um esplendido volume de mais 150 paginas, impresso em papel *couché* de optima qualidade e adornado com 33 bellissimas gravuras, 18 phototypias, além do retrato do auctor e um prefacio de D. João da Camara.

A obra completa dividir-se-ha em 20 fasciculos quizenaes contando cada um de 16 paginas de texto e a phototypia correspondente.

Todos os fasciculos serão resguardados por uma capa, que inserirá um coupon com o numero do mesmo, que os nossos estimaveis assignantes colleccionarão, e a apresentação dos 20 coupons dá direito a uma capa de encadernação dos **Tojos e Rosmaninhos** impressos em 8 côres em percalina, que deliberamos offerecer como

## Brinde a todos os srs. assignantes

---

Apesar das enormes despesas d'esta sumptuosa publicação o preço dos fasciculos é apenas de

**200 réis cada um, em Lisboa e Porto  
pagos no acto da entrega**

Nas demais terras do paiz, pagamento **adeantado** ás series 1, 2, 3, ou mais fasciculos. As despesas de remessa são á custa d'«A Editora», e a distribuição de cada fasciculo é feita nos dias 10 e 25 de cada mez.

Pedidos de assignatura podem ser feitos á

**“A EDITORA”**

Administração em Lisboa — 50, Largo do Conde Barão, 5

Depositarios no Porto: Lello & Irmão, 144, Carmelitas  
e Magalhães & Meniz, L.<sup>da</sup>, 11 a 14, Loyos

assim como a todas as livrarias e a todos os correspondentes d'«A Ed





Joachim Borges de Menezes

Esta loja é afamada em todo o condado d'Alameda e  
Contra Costa por ser a maior d'esta cidade, a mais  
completa, fornecida das ultimas modas.

Tem um só preço; os caixeiros attenciosos.

O sr. João Gomes, ha muitos annos empre-  
gado n'esta casa, convida todo o portuguez d'estes  
arredores a ve-lo antes de fazerem suas compras.

**Vestimentas, Roupa de Dentro,  
Calçado, Chapéus, Malas.**

**Chas. J. Heeseman**  
**1107-1113 Washington St.**  
**OAKLAND, — — — CAL.**